

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO CAMPUS VII-CODÓ
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS-LCH-HISTÓRIA

MARIA ROSELI DA CONCEIÇÃO DA SILVA

**A PRÁTICA DOCENTE E O USO DOS RECURSOS DIDÁTICOS NÃO
CONVENCIONAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

CODÓ – MA
DEZEMBRO DE 2019

MARIA ROSELI DA CONCEIÇÃO DA SILVA

**A PRÁTICA DOCENTE E O USO DOS RECURSOS DIDÁTICOS NÃO
CONVENCIONAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão como requisito para a obtenção do título de graduada em Licenciatura em Ciências Humanas/História.

Orientadora: Profa. Dra. Roneide Santos Sousa

CODÓ – MA
DEZEMBRO DE 2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

ROSELI DA CONCEIÇÃO DA SILVA, MARIA.

A PRÁTICA DOCENTE E O USO DOS RECURSOS DIDÁTICOS NÃO CONVENCIONAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA / MARIA ROSELI DA CONCEIÇÃO DA SILVA. - 2019.

61 f.

Orientador(a): Profa. Dra. Roneide Santos Sousa.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - História, Universidade Federal do Maranhão, CODÓ, 2019.

1. Ensino de Geografia. 2. Prática Docente. 3. Recursos Não Convencionais. I. Santos Sousa, Profa. Dra. Roneide. II. Título.

MARIA ROSELI DA CONCEIÇÃO DA SILVA

**A PRÁTICA DOCENTE E O USO DOS RECURSOS DIDÁTICOS NÃO
CONVENCIONAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão como requisito para a obtenção do título de graduada em Licenciatura em Ciências Humanas/História.

Orientadora: Profa. Dra. Roneide Santos Sousa

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Roneide Santos Sousa (Orientadora)

Prof. Dr. Alex de Sousa Lima (avaliador 1)

Prof. Me. Leilson Alves dos Santos (avaliador 2)

Dedico este trabalho a Deus que foi meu guia e meu refúgio, ao meu pai Francisco e minha mãe Antônia, meus irmãos que são Rosilene, Rosirene e o Filho. Dedico a todos meus professores do ensino fundamental e médio, que eles foram à base na minha educação. A todos meus professores da UFMA, em especial a minha orientadora Roneide.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, e depois a mim por ter tido a coragem de estudar e concluir um curso superior.

À minha mãe Antônia e meu Pai Francisco que enfrentaram muitas dificuldades na vida por não ter estudado. Às minhas irmãs Rosirene e Rosilene, e meu irmão Filho.

À equipe docente da UFMA, em especial minha orientadora Roneide por ter me auxiliado na elaboração deste trabalho. E também agradeço a meu professor Alex Lima pelas palavras de incentivo e apoio durante a minha vida universitária.

À equipe administrativa, à equipe da limpeza e todos que fazem parte da UFMA.

Ao Sr. Raimundo, meu motorista que sempre teve muita paciência comigo e me aturou durante anos.

À minha amiga Aline, responsável por eu estar finalizando este curso agora, foi ela que me inscreveu no curso sem que eu soubesse e me avisou quando eu passei e minha outra amiga Maria Aparecida por ter me apresentado a sua prima Aline.

À minha cunhada Maria Almeida, e meu namorado Gerlan Rodrigues que várias vezes me levou de moto para a UFMA quando não tinha carro para eu ir, e por ter tido muita paciência comigo.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram direto e indiretamente nessa minha trajetória árdua de graduação.

Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível. Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo. Ensinar não é transferir conhecimento.

Paulo Freire

RESUMO

O professor a cada dia encontra barreiras que dificultam seu trabalho em sala de aula, por salas lotadas, falta de infraestrutura escolar, entre outros. Nesse contexto, é importante que se busque novas estratégias e métodos que possam não somente ajudar, mas que venha a contribuir no processo de ensino-aprendizagem. Os recursos didáticos não convencionais, por exemplo, representam uma estratégia que pode auxiliar o professor em sua prática docente. Esta pesquisa apresenta dois focos principais de interesse: a prática docente e o uso de recursos didáticos não convencionais no ensino de Geografia. O principal objetivo foi conhecer as práticas docentes dos professores de Geografia do Ensino Fundamental dos anos Finais das escolas municipais da cidade de Timbiras-MA, a fim de avaliar a utilização de recursos didáticos não convencionais no ensino. Como resultados pôde-se constatar que a maioria dos professores não costuma participar de atividades de desenvolvimento profissional; Que todos os professores costumam adotar mais aulas expositivas e trabalho de grupo; Que as aulas práticas de campo não são muito utilizadas; Que os recursos mais utilizados são audiovisuais e o planejamento das aulas é variado (diariamente, semanalmente e mensalmente); Que muitos professores gostariam de mais tecnologia para facilitar o ensino de Geografia; Que o processo avaliativo é feito através de prova escrita, trabalho escrito, seminário e prova oral e nunca em prova prática; Que a maior necessidade que dificulta o desenvolvimento profissional é o ensino de alunos com necessidades especiais e falta de recursos didáticos nas escolas; E que a temática em questão permite a análise minuciosa e a compreensão da importância do trabalho docente, do ensino de geografia, bem como os recursos que são usados na prática docente, compreendendo que o uso planejado de recursos didáticos não convencionais, permite a construção autônoma do indivíduo e concede interpretações subjetivas, que possivelmente impulsiona a curiosidade dos alunos e professores envolvidos nessa atividade, para efetivamente se construir a aprendizagem almejada.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Prática Docente. Recursos Não Convencionais.

ABSTRACT

Geography teaching now faces challenges as does teaching in general. The teacher each day is concerned to approach the student each time during his or her classroom work. In this context, it is important to look for new strategies and methods that can not only help but contribute to the teaching-learning process. Unconventional didactics, for example, represent a strategy that can assist the teacher in his teaching practice. This paper presents two main focuses of interest: teaching practice and the use of unconventional didactic resources in the teaching of geography. The main objective of this work was to know the teaching practices of Geography teachers of elementary school Final Years in the city of Timbiras-MA, headquarters, in order to evaluate the use of unconventional didactic resources in teaching. For this it was necessary: to investigate the daily acting of Geography teachers in their teaching practice; reflect on the pedagogical practices used by most teachers in the teaching of geography, how the teacher acts in his practice, how he teaches, how he conceives student learning; Accompany and investigate teachers in a case study, to discover their performance in a school that allows the use of unconventional didactic resources as alternatives to improve the teaching process learning specifically in the teaching of geography. As results it can be seen that the theme in question allows a thorough analysis and understanding of the importance of teaching work, teaching geography, as well as the resources that are used in teaching practice. Finally, it is concluded that the planned use of unconventional didactic resources allows the autonomous construction of the individual and conceives subjective interpretations, which possibly drives the curiosity of the students and teachers involved in this activity, to effectively build the desired learning.

Keywords: Geography Teaching. Teaching Practice. Unconventional Features.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC: Base Nacional Curricular Comum

GI: Grande Impacto;

GN: Grande Necessidade;

IM: Impacto Moderado;

LBD: Lei de Diretrizes e Bases;

MN: Moderada Necessidade;

NI: Nenhum Impacto;

NN: Nenhuma necessidade;

P: Professor;

PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais;

PI: Pequeno Impacto;

PN: Pouca Necessidade;

PNE: Plano Nacional de Educação;

TICs: Tecnologia da Informação e Comunicação;

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1-	Cronograma Das Escolas E Nº De Professores De Geografia	25
QUADRO 2-	Desenvolvimento Profissional Formal	29
QUADRO 3-	Desenvolvimento Profissional Informal.....	31
QUADRO 4	Necessidade De Desenvolvimento Profissional	33
QUADRO 5-	Métodos De Ensino Utilizados Com Maior Frequência Pelo Grupo De Professores	43
QUADRO 6-	Considera Livro Didático Como Uma Ferramenta Completa Para As Aulas De Geografia	44
QUADRO 7-	Sobre Os Recursos Não Convencionais Utilizados E Não Utilizados Pelos Professores	45
QUADRO 8-	Sobre O Uso Da Tecnologia Celular Se É Permitida Em Sala De Aula.....	45
QUADRO 9-	Sobre Os Recursos Disponíveis Na Escola Que São Utilizados E Os Que Não Estão Disponíveis	47
QUADRO 10 -	Sobre O Planejamento De Aulas	48
QUADRO 11-	A Maior Dificuldade Encontrada Na Prática Docente.....	50
QUADRO 12-	Motivos Que Levaram A Escolher A Profissão De Professor	51
QUADRO 13-	Sobre O Instrumento Avaliativo Usado Com Maior Frequência ...	52
QUADRO 14-	Sobre Os Procedimentos Didáticos Adotados Nas Suas Aulas.....	53

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	GEOGRAFIA ESCOLAR: ABORDAGEM HISTÓRICA E CONTEMPORÂNEA	15
	2.1 - Recursos didáticos não convencionais no ensino de geografia: aspectos teóricos e práticos.....	22
3	METODOLOGIA	25
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	27
	4.1 - Práticas pedagógicas dos professores de geografia do ensino fundamental anos finais das escolas da cidade de Timbiras-MA.....	27
	4.2 - Utilização de recursos didáticos convencionais e não convencionais nas práticas pedagógicas e planejamento	36
	4.3 - Quanto a Avaliação	51
5	CONCLUSÃO	54
	REFERÊNCIAS	55
	APÊNDICES	57

1 INTRODUÇÃO

A Educação Básica brasileira é regida por documentos como a Lei 9.394, na qual concebe as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/96), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, o Plano Nacional de Educação (PNE) para os anos 2011-2020 e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Esses documentos têm como função promulgar propostas sistemáticas visando o avanço do processo de ensino-aprendizagem, levando em consideração as condições reais dos alunos. Também determina os direitos e deveres dos indivíduos que estão dentro do contexto educativo e ainda estabelecem eixos que subsidiarão o desenvolvimento da educação escolar, proporcionando a formação inicial e continuada dos profissionais da educação, que tem como finalidade prepara-los cada vez mais para a prática docente em sala de aula, dando um impulso na sua prática pedagógica mediante a preparação eficaz para lidar com as diferentes realidades e sujeitos imersos neste cenário educacional.

Existem caminhos que podem ser trilhados e revistos para que a aprendizagem dos estudantes na educação básica se desenvolva da melhor forma possível. Essa é uma preocupação de muitos profissionais da educação, mas existem também maneiras de o aluno aprender sozinho, ou seja, ser o próprio autor de suas ideias. Entre esses caminhos existe a sociedade da informação e do conhecimento no século XXI que requer um sistema educacional que prepare os alunos como futuros cidadãos para aprenderem autonomamente, pois existem os processos de aprendizagem que sempre vão nos acompanhar por toda vida. Hoje vivendo em uma sociedade democrática e sustentável, é comum ensinar uns aos outros, compartilhar e criar o próprio conhecimento que não é apenas uma forma de aprendizagem, mas também é algo criativo que se escola deve esta preparada.

Segundo Moran (2017), para ajudar a construir conhecimento de forma significativa, é preciso que o professor seja facilitador do processo de ensino-aprendizagem, ajudando o aluno a construir seus próprios pensamentos e motivando-o a ser autêntico e seguro de suas próprias conclusões diante dos problemas. O aluno necessita entender que sua participação nesse processo é extremamente importante, pois, ser autor, significa buscar o próprio caminho e contribuir para sua história diretamente ligada à aquisição do conhecimento.

Outro fator que ajuda na contribuição da construção do conhecimento e do processo de ensino aprendizagem são os recursos utilizados pelo professor em sua prática docente. Zabala (1998) considera indispensável o papel dos recursos didáticos na consolidação da aprendizagem dos conteúdos. Nesse sentido, descreve os recursos didáticos de materiais

curriculares, caracterizando-os como instrumentos que o educador utiliza como referência em suas decisões no processo de ensino/aprendizagem, respondendo os problemas concretos que os diferenciam das demais fases de planejamento que o professor apresenta. O mesmo autor destaca ainda que, os recursos didáticos disponíveis ao professor cumprem funções diversas. O autor cita, como exemplos, o projetor de slides, vídeo, informática e materiais multimídias, esses nos quais são suportes que auxiliam o professor em seu trabalho docente. Nesse sentido, cada recurso tem como objetivo cumprir uma função específica que contribui na consolidação de uma variedade de conteúdos seja eles factuais, conceituais, procedimentais ou atitudinais.

O professor contemporâneo encontra grande dificuldade em sala de aula, pois se percebe uma falta de interesse por parte da maioria dos alunos e isso compromete a aprendizagem. Com isso, muitos desses professores tentam mudar essa realidade buscando metodologias diferenciadas através de recursos não convencionais como forma de chamar a atenção do aluno.

Pensando nisso, percebe-se que optar pela temática sobre a prática docente e o uso dos recursos didáticos não convencionais no ensino de Geografia, justifica a necessidade de observar como o professor está desenvolvendo a sua prática em sala de aula. Esse método do uso de recursos não convencionais pode contribuir no processo de ensino-aprendizagem, não somente para professores de Geografia, mas também para outros professores que poderão adaptar essa técnica em outras disciplinas.

Nesse sentido, a pesquisa se justifica pela dimensão pessoal e científica, pessoal porque visa elucidar um questionamento feito por uma investigadora a qual é graduanda de licenciatura e conseqüentemente será professora, nesse sentido, a pesquisa faz uma relação de aprimoramento do conhecimento científico à formação acadêmica. E científico porque ao pesquisar esta temática será um modo de contribuir para a ampliação do conhecimento científico e servirá de referências para futuras pesquisas, em especial as que visem investigar as escolas públicas do município de Timbiras-MA.

O objetivo geral da pesquisa foi conhecer as práticas docentes dos professores de Geografia do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) das escolas municipais da cidade de Timbiras-MA, a fim de avaliar a utilização dos recursos didáticos não convencionais no ensino de Geografia, partindo do pressuposto que esses recursos didáticos podem contribuir no processo de ensino aprendizagem, como também na melhoria do desenvolvimento individual dos alunos.

A fim de alcançar esse objetivo, foi necessário estabelecer os seguintes objetivos específicos:

- Revisar a literatura existente acerca da geografia escolar, prática docente e o uso de recursos didáticos na sala de aula;
- Refletir sobre as práticas pedagógicas usadas pelos professores da cidade de Timbiras no ensino de geografia: como o professor atua na sua prática? Como ensina? Como concebe a aprendizagem dos alunos?

A prática pedagógica aqui investigada se constitui no trabalho desenvolvido pelo professor de Geografia, seus métodos utilizados e toda a sua prática docente. O foco será desde o planejamento até a avaliação do aluno.

O trabalho caracterizou-se como uma pesquisa bibliográfica realizada por meio de livros e artigos, além de pesquisa de campo exploratória desenvolvida junto a professores de Geografia da rede municipal na cidade de Timbiras.

2 GEOGRAFIA ESCOLAR: ABORDAGEM HISTÓRICA E CONTEMPORÂNEA

A educação é bem diferente do que era há muitos anos atrás, os professores já não são mais como antes nem o sistema é mesmo. Além disso, existem outros fatores que mudaram com o decorrer dos anos, exemplo disso são as transformações que ocorrem com as disciplinas escolares. Este texto irá mostrar um pouco da trajetória da Geografia Escolar no Brasil, como evoluiu ao longo dos anos e como está sendo ensinada. Nesse sentido, será traçado um contexto narrativo sobre o desenvolvimento da Geografia no Brasil até os dias atuais.

A Geografia Escolar chegou às escolas brasileiras, no início do século XIX, a primeira escola a adotar a Geografia foi o Colégio Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro, depois disso foi sendo incorporada ao currículo oficial das demais escolas brasileiras. Segundo Cavalcanti (1998), a introdução da Geografia nesse momento da história teve como objetivo a formação de cidadãos com a ideia de nacionalismo patriótico. Dessa forma, a autora afirma que a Geografia foi designada como uma disciplina voltada para a “transmissão de dados e informações gerais sobre os territórios do mundo em geral e dos países em particular” (Cavalcanti, 1998, p. 18). Nesse sentido, pode ser identificada a ideologia científica traduzida num ensino acrítico, descritivo e superficial nas escolas, fato este que marcou a história da Geografia como disciplina.

Para Rocha (2000), com a criação do Colégio de Pedro II a Geografia Escolar no Brasil passou-se a ter um espaço no currículo escolar de modelo Francês onde também estavam presentes as Ciências Físicas e Naturais a História, as Línguas Modernas e a Geografia. Antes disso os conhecimentos geográficos usados em ambientes educacionais no Brasil não estavam sistematizados a ponto de se constituir uma disciplina escolar exclusiva.

Filizola (2009), afirma que na primeira metade do século XIX houve uma elevação do ensino de Geografia no Brasil. Como não se tinha currículo superior para a formação de professores que pudessem lecionar na educação de Ensino Fundamental e Ensino Médio (que na época eram conhecidos como escolas primária e secundária) advogados, médicos e engenheiros eram quem ministravam as aulas de Geografia. A falta de professores formados na área, só começou a preocupar o país no final do século XIX e início do século XX, foi quando o número de escolas para formação de professores começou a aumentar e passaram a se chamar de escolas normais.

Para Maia (2014), somente em 1831 a Geografia aparece como exigência em preparativos de cursos de ciências jurídicas e depois disso tornou-se uma cadeira permanente dos programas escolares nas instituições educacionais e também em aulas particulares. Este foi um dos avanços no ensino da Geografia no Brasil, pois a partir de então passou a ser exigida nos exames das academias do Império e nos programas oficiais, com isso surge uma grande quantidade de publicações de manuais escolares ao ensino. O autor acrescentou que apesar de existir indícios da presença da Geografia desde 1822 no Colégio de Caraca, ele preferiu usar como referências o ano de 1831.

Segundo Araújo (2010), foi em 1832 que a Geografia começou a fazer parte do currículo apresentado, e foi instalado um sistema educacional no Brasil moldado com padrões vindo da Europa. O ensino que era oferecido aos alunos era baseado numa cultura geral onde os alunos estudavam sobre a descrição e enumeração dos fatos naturais. Para Araújo (2016) o ensino de Geografia ganha destaque com criação do Colégio de Pedro II, destacando que:

Já no período do Império o ensino de geografia ganha destaque com a criação do Imperial Colégio de Pedro Segundo em 1837. A partir desta data a geografia adquire mais importância na educação formal existentes no país, ganhando finalmente sua autonomia. Todavia continua sendo uma geografia de nomenclatura, subsidiando apenas a entrada dos alunos nos cursos superiores de direito do Rio de Janeiro. Depois da sua institucionalização como disciplina autônoma, a forma de ensino permaneceu generalizadamente de memorização. Durante o império várias manifestações ocorreram protestando a maneira inadequada de ensinar geografia; e um dos nomes desses Manifesto foi o político e jurista Rui Barbosa, onde o mesmo classifica a geografia de forma abstrata, Sem Análise científica, verdadeiramente um tradicionalismo exacerbado comparado à realidade do aluno (ARAÚJO, 2010, p. 26).

É possível observar que houve um avanço no sentido de ganhar espaço e ser vista como uma disciplina, porém até aqui não se tem avanço na maneira que a Geografia é ensinada e o próprio autor destaca a questão do tradicionalismo exagerado, tendo como principal característica a memorização. Apesar de institucionalizada como disciplina autônoma ainda segue com gênero de memorização, traços que marcam uma educação tradicional.

Ainda sobre as mudanças ocorridas no ensino de Geografia dentro do cenário educacional, Filizola (2009), comenta que o século XIX ficou marcado por grandes renovações, e seu desenvolvimento acontece entre diversos contextos: de caráter político, econômico, social e religioso. E que em cada época os valores e as ideias contribuíram para sua evolução, e quanto mais evoluída se encontrava mais exigências lhe eram cobradas. E,

que além de contribuir para a expansão colonial, a Geografia também colaborou para a formação de estudantes em países como a França e a Alemanha que ganharam verdadeiros sistemas de ensino. E seu conteúdo inicial começava do mais próximo do aluno como o conhecimento da região onde morava, a casa, a rua, a escola e as proximidades e depois se ampliavam aos mais distantes (FILIZOLA, 2009).

Quando se iniciou o ensino geográfico no Brasil a Geografia não ganhou de imediato um lugar só para ela. Foi seguindo seu caminho dividindo espaço com outras matérias até se tornar uma disciplina. Segundo Maia (2014), nas primeiras décadas do século XIX teve início a Geografia Escolar no Brasil, assumindo seu lugar como disciplina e começou a passar por pequenas e grandes transformações como diz o autor em sua tese:

A Geografia permaneceu nos programas do Colégio Pedro II desde 1837. No Decreto nº 62 de 1841, era ensinada do 1º ao 7º ano; no programa de 1855, era ensinada do 3º ao 6º ano e, no Decreto nº 2006 de 1857, a Geografia já era separada da cadeira de História e ensinada do 1º ao 5º como proposta de conteúdo no programa oficial. (...) Em 1862, No Decreto de nº 2883, a Geografia passou a ser ensinada no 1º e 2º ano; no 3º ano, era ensinada juntamente com a Cosmografia; e no 7º ano, junto com a Corografia. No programa de 1870, era denominada Geografia elementar e descritiva em geral; no 1º ano, com continuação de Geografia, especialmente a da Europa e da América; no 2º e 3º anos, era continuação da Geografia do 1º ano e incluída a Geografia antiga; e, no 7º ano, havia a Corografia do Brasil e a Cosmografia (MAIA, 2014, p. 56).

É possível perceber que antes disso a Geografia fez parte da cadeira de História, ou seja, aconteceram transformações mesmo sabendo que após ser separada ainda não havia conquistado sua verdadeira autonomia para seguir sozinha. Porém, mais modificações aconteceram, embora tivessem baseadas em elementos políticos de demarcação de território e poder (MAIA, 2014).

Para Filizola (2009), é importante lembrar que no século XIX o ensino não contava com recursos disponíveis para lecionar e por isso a única alternativa que restava ao aluno era memorizar as informações repassadas pelo professor. Ainda segundo o autor a Geografia nesse período tinha como principal finalidade adoração e amor à pátria, como destaca a seguir:

É necessário frisar que as aulas de Geografia tinham como principal finalidade, fosse na França, na Alemanha ou mesmo no Brasil, induzir os alunos a adorar, para não dizer amar, a pátria. Em outras palavras, a disciplina seria para inculcar a ideologia do nacionalismo patriótico. Foi nesse contexto, por exemplo, que as crianças eram orientadas a memorizar informações e mais informações sobre o território nacional. Além disso,

eram levadas a aprender sempre os aspectos mais relevantes do país, muitas vezes de forma grandiloquente. (...) Problemas sociais, ambientais e econômicos passavam ao largo das aulas, contribuindo para a formação de alunos pouco questionadores, mas que respeitavam os símbolos e os valores pátrios (FILIZOLA, 2009, p. 15).

Na segunda década do século XX, Everardo Backheuser engenheiro, e Carlos Delgado de Carvalho cientista e político, dois intelectuais preocupados com a melhoria do ensino de Geografia fundaram o Curso Livre de Geografia Superior (FILIZOLA, 2009).

Criticavam a forma que se ensinava Geografia através da memorização e também a nomenclatura do ensino da disciplina e buscavam melhoria na metodologia ensinada. Houve então um avanço maior da Geografia no país em 1934 quando foi institucionalizada a Geografia no Ensino Superior em São Paulo e criado o curso na Universidade de São Paulo (USP), assim pode se perceber que a Geografia no Brasil se difundiu primeiro na escola e depois se expande na Universidade. (FILIZOLA, 2009).

Para Moraes (2007), o maior avanço da Geografia aconteceu na década de 1970 quando a Geografia Tradicional chega ao fim. Em seu livro *Geografia uma pequena história crítica*, mostra como se dá à crise da Geografia Tradicional. O mesmo autor destaca que:

A crise da Geografia Tradicional, e o movimento de renovação a ela associado, começam a se manifestar já em meados da década de cinquenta e se desenvolvem aceleradamente nos anos posteriores. A década de sessenta encontra as incertezas e os questionamentos difundidos por vários pontos. A partir de 1970, a Geografia Tradicional está definitivamente enterrada; suas manifestações, dessa data em diante, vão soar como sobrevivências, resquícios de um passado já superado. Instala-se, de forma sólida, um tempo de críticas e de propostas no âmbito dessa disciplina. Os geógrafos vão abrir-se para novas discussões e buscar caminhos metodológicos até então não trilhados. Isto implica uma dispersão das perspectivas, na perda da unidade contida na Geografia Tradicional. Esta crise é benéfica, pois introduz um pensamento crítico, frente ao passado dessa disciplina e seus horizontes futuros. Introduz a possibilidade do novo, de uma Geografia mais generosa (MORAES, 2007, p 34).

Existem várias razões da crise da Geografia segundo o autor citado, e uma delas foi à alteração na base social, que deu origem aos fundamentos e as formulações da Geografia Tradicional.

Araújo (2010), também acredita numa mudança mais elevada no período republicano e que essas reformas transmitiram uma ideia mais nacionalista mostrando a cara do brasileiro em forma de seu caráter social. Porém, em meados do século XX mesmo com suas mudanças e suas ideias novas, o ensino tradicional ainda estava bem frequente juntamente com os temas

tradicionalistas. Mas, foi nesse período que as portas se abriram para uma nova Geografia que segundo o autor, se caracteriza como Geografia Crítica.

Moraes (1987) afirma que a influência dessa corrente de pensamento que é a Geografia Crítica só veio ocorrer após a 2ª Guerra Mundial e que:

É somente no limiar da crise do pensamento tradicional que as ideias de Marx virão à tona no debate da Geografia. Tal processo se inicia no pós-guerra, e adquire alguma intensidade nos anos cinquenta, já no bojo de uma perspectiva de renovação da Geografia (...), a valorização do espaço, os geógrafos que introduziram, na Geografia, uma abordagem crítica foram Pierre George, Bernard Kayser, Jean Tricart entre outros e um marco que formou o grupo de geógrafos da Geografia Crítica foi as Jornadas dos Intelectuais Comunistas realizadas em Ivry, na França, em 1953 (MORAES, 1987, p. 40).

Para Cavalcanti (1998), a Geografia Crítica, nesse momento se apresenta como uma maneira de organizar o ensino da disciplina, já que:

As propostas de reformulação do ensino de Geografia também têm em comum o fato de explicitarem as possibilidades da Geografia e da prática de ensino de cumprirem papéis politicamente voltados aos interesses das classes populares. Nesta perspectiva, os estudiosos alertam para a necessidade de se considerar o saber e a realidade do aluno como referência para o estudo do espaço geográfico. O ensino de Geografia, assim, não deve pautar pela descrição e enumeração de dados, priorizando apenas aqueles visíveis e observáveis na sua aparência (na maioria das vezes impostos à “memória” dos alunos, sem real interesse por parte deles). Ao contrário, o ensino deve propiciar ao aluno a compreensão do espaço geográfico na sua concretude, nas suas contradições (CAVACANTI, 1998, p. 20).

Com isso, a Geografia apresentou avanços, priorizando o trabalho, as relações sociais, a produção e a transformação do espaço geográfico, fazendo análises e apropriando a natureza em função dos interesses sociais.

Dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, a Geografia é uma área de conhecimento comprometida em tornar o mundo compreensível para os alunos, explicável e passível de transformações. Para isso, os Parâmetros Curriculares se encarregam de buscar um ensino voltado a conquista da cidadania brasileira (BRASIL, 1998).

Sobre o ensino de Geografia, Callai (2001) salienta que a Geografia Escolar, presente no currículo da Educação Básica, se destaca na busca de desenvolvimento do raciocínio espacial do aluno, para o entendimento do espaço geográfico, a importância de se estudar o lugar na construção de saberes geográficos, para isso a melhor maneira e contextualizar o espaço vivido pelo aluno como forma de mostrar a realidade cotidiana relacionada ao

contexto amplo, global-local. O ensino de Geografia e os demais componentes curriculares, devem considerar a análise e a crítica feita à instituição escolar, situando-a no contexto político social e econômico do mundo e em especial do Brasil.

De acordo com Callai (2001) existe uma ligação da Geografia com o homem e a natureza e o quanto ela significa na formação do estudante e também para seu papel de cidadão em meio à sociedade.

[...] uma ciência social, que estuda o espaço construído pelo homem, a partir das relações que estes mantêm entre si e com a natureza, quer dizer, as questões da sociedade, com uma “visão espacial”, é por excelência uma disciplina formativa, capaz de instrumentalizar o aluno para que exerça de fato a sua cidadania (CALLAI, 2001, p.134).

A Geografia na maioria de seus conceitos e sua forma de ensino é baseada no contexto de lugar, regionalidade e na relação homem e natureza, deve ser por esse e outros motivos que se tornou tão importante para a formação do cidadão e sua atuação na sociedade. Porém, essa importância ainda é pouca, a Geografia necessita de mais atenção e significância para os alunos, ou seja, deve despertar o interesse deles ao se tratar de realidades conhecidas como é o caso de regionalidade. Isso não significa que o lugar ao qual o aluno vive seja a única região a ser estudada, mas que quando se estuda situações vividas em outros países, no contexto mais amplo, ou seja, global, reconheçamos também de que forma tais fatos podem abranger o cotidiano dos estudantes ou a realidade vividas por eles em seu próprio mundo.

Percebe-se então que além do conhecimento sobre o espaço geográfico a Geografia pode ainda trazer temas transversais que pode facilitar a vida e aprimorar o desenvolvimento do aprendiz.

Sobre as dificuldades encontradas na prática docente, Cavalcanti (2010) expressa o seguinte:

Os professores de Geografia relatam que estão frequentemente enfrentando dificuldade em “atrair” seus alunos nas aulas, pois a maioria não se interessa pelos conteúdos que essa disciplina trabalha. No entanto, se a Geografia contempla a diversidade da experiência dos homens na produção do espaço, as questões espaciais estão sempre presentes no cotidiano de todos eles, sejam as de dimensões globais ou locais. É o caso de se questionar, então, por que os alunos não mostram interesse especial pelos conteúdos da disciplina, limitando-se, na maior parte das vezes, ao cumprimento formal das obrigações escolares (CAVALCANTI, 2010, p. 3).

Ainda sobre o ensino de Geografia, Cavalcanti (2012) afirma que os objetos de conhecimento são os saberes escolares referentes ao espaço geográfico e que estes são

seguimentos da cultura geográfica implementada cientificamente pela humanidade e apontada como de grande importância para a formação do aluno.

As autoras Manfio e Balssan (2014), destacam sobre o ensino de Geografia que o mesmo está sistematizado na noção de ciência que estuda a superfície da terra e a composição espacial de fenômenos importantes na paisagem, assim como, a relação mútua entre o homem e o meio ambiente. E que como sendo uma ciência capaz de aproximar-se do cotidiano que é vivido pelos alunos, através das noções de regionalidade pode facilitar no processo de ensino/aprendizagem e assim contextualizar o cotidiano dos alunos em sala de aula (MANFIO; BALSSAN, 2014).

Foi possível perceber as diversas transformações que ocorreram no ensino da Geografia Escolar para se tornar o que ela é hoje. O ensino de Geografia teve que passar por muitas modificações, que sem dúvidas foram necessárias para que na sociedade contemporânea tenha essa disciplina que ajudasse bastante na contribuição da educação brasileira.

Sobre a Geografia do Ensino Fundamental – Anos Finais a Base Nacional Curricular Comum – BNCC (BRASIL, 2017), afirma que:

Nessa fase final do Ensino Fundamental, pretende-se garantir a continuidade e a progressão das aprendizagens do Ensino Fundamental – Anos Iniciais em níveis crescentes de complexidade da compreensão conceitual a respeito da produção do espaço. Para tanto, é preciso que os alunos ampliem seus conhecimentos sobre o uso do espaço em diferentes situações geográficas regidas por normas e leis historicamente instituídas, compreendendo a transformação do espaço em território usado – espaço da ação concreta e das relações desiguais de poder, considerando também o espaço virtual proporcionado pela rede mundial de computadores e das geotecnologias. Desenvolvendo a análise em diferentes escalas, espera-se que os estudantes demonstrem capacidade não apenas de visualização, mas que relacionem e entendam espacialmente os fatos e fenômenos, os objetos técnicos e o ordenamento do território usado (BRASIL 2017, p. 381).

Assim, para cada etapa de ensino existem características de acordo com os anos de cada modalidade, mas sempre tendo como base a BNCC. É importante que a cada etapa de ensino os alunos ampliem seus conhecimentos cada vez mais, que conheçam o espaço ao qual fazem parte, isso é essencial. Com isso irão entender mais sobre o mundo dentro de um contexto familiar.

Nesse sentido, o mundo contemporâneo, apresenta uma nova Geografia, onde pode ser vista de uma forma totalmente diferente de quando se iniciou. Com um novo olhar crítico e não mais aquele olhar de tradicionalismo ou nacionalismo. Sua ótica predominante sobre a

sociedade vigente, é que a escola precisa ser modernizada, ou seja, é necessário acompanhar tais avanços temporais. Porém, são necessários que sejam traçados caminhos coletivos não apenas para contemplar o seu aprimoramento, mas para reduzir as disparidades sociais, objetivando o desenvolvimento dos sujeitos face as suas habilidades cognitivas e sociais, capacitando-os para atender as imposições do mercado de trabalho (OLIVEIRA, 2015).

2.1 Recursos didáticos não convencionais: aspectos teóricos e práticos

Neste tópico serão abordadas algumas conceituações acerca dos recursos didáticos não convencionais, na visão de alguns autores. Sendo apontados alguns exemplos de práticas pedagógicas que podem ser inseridos esses recursos no processo de ensino-aprendizagem podendo ter bons resultados para o âmbito escolar. Destaca-se também a discussão sobre os impactos que os recursos didáticos podem causar no desenvolvimento do discente, ajudando na sua formação como um sujeito criativo que pode selecionar diversas formas de aprender de uma forma reflexiva, crítica e histórica.

Tendo como exemplo, esses recursos podem ajudar não só o aluno, mas também o professor, pois uma vez que se trabalha esse método ambos estão aprendendo, professor e aluno. A prática pedagógica usando esse método de ensino pode ser considerada um complemento para se trabalhar em sala de aula ajudando no trabalho docente e no processo de ensino aprendizagem, o termo “recurso didático” pode ser usado de diferentes formas. Zabala (2010) nomeia de “materiais curriculares”; Filizola (2009) classifica-os de “múltiplas linguagens”. Todas essas nomenclaturas, entretanto, apresenta uma mesma definição, pois se trata de meios através dos quais é possível a apreensão dos conteúdos escolares (ALENCAR, J. J.; SILVA, J. S., 2018).

Para definir o que são os recursos didáticos não convencionais, Silva (2011) destaca:

Definimos, portanto, como recursos didáticos não convencionais os materiais utilizados ou utilizáveis por professores (as), na educação básica, mas que não tenham sido elaborados especificamente para esse fim. Em geral são produções sociais, com grande alcance de público, que revela o comportamento das pessoas em sociedade ou buscam refletir sobre este comportamento. Para exemplificar podemos mencionar os meios de comunicação tais como: o rádio, a televisão, os jornais, a internet, ou ainda as produções artísticas em geral, o cinema, a poesia, a música, a literatura de cordel, a fotografia, as artes plásticas e as histórias em quadrinhos (SILVA, 2011, p. 17-18).

Para contribuir de forma significativa com o ensino da educação básica, é necessário que o professor faça uso de recursos alternativos que somam com o livro didático. Esses recursos podem ser entendidos como recursos não convencionais, pois através deles é possível suprir as necessidades dos alunos de forma significativa, visando melhor aprendizado e buscando a atenção do aluno para o conteúdo que está sendo abordado. Cavalcanti (1998) acredita que o ensino tem a necessidade de:

(...) superação do formalismo dominante no ensino, à medida que permitiria ao professor conceber de forma mais eficaz sua atividade docente e suas competências de promover ajuda pedagógica aos alunos na construção de seu próprio raciocínio, para além da transmissão de conteúdos estipulados nos livros didáticos e programas (CAVALCANTI, 1998 p.12).

Nesse sentido, percebe-se que é de grande importância que o obtenha informações além das que vem no livro didático, que este serve como uma base do conteúdo a ser aplicado, mas não necessariamente ele possa ser a única ferramenta a ser utilizada naquele conteúdo. O ensino no Brasil se encontra em constante dinamismo, modificando-se através de novas metodologias inovadoras e sepultando o método considerado hoje transpassado, o tradicional. Existem vários caminhos e alternativas para melhorar o processo de ensino-aprendizagem, e uma delas pode ser o uso de recursos não convencionais.

Para Zabala (1998), a prática educativa provoca mudanças nos argumentos e no modo de avaliar, ao examinar as finalidades do ensino, de acordo com um modelo centrado na formação integral da pessoa. A proposta curricular essencialmente deve se amparar em projetos de interferência adaptados às necessidades de sua realidade educativa, estilo profissional, propostas extraordinárias valendo-se de recursos diversificados, de modo a complementar as unidades de aprendizagem desenvolvidas pelos professores.

Sobre a importância de se usar os recursos didáticos, Justino, (2011) afirma que:

No universo da educação, a utilização de recursos didáticos e da tecnologia inovadora, somados à prática pedagógica adequada, busca despertar o interesse para o aprendizado, pois oferecem um conjunto de recursos importantes e ferramentas de comunicação e informações, tornando-se, assim, um componente essencial de pesquisa e um importante instrumento de ensino-aprendizagem (JUSTINO, 2011, p. 73).

Para superar e mudar a maneira de se trabalhar em sala de aula de forma atrativa e que possa vir a contribuir para o ensino dos alunos, é preciso mais do que algumas estratégias pedagógicas, exige mudança de concepção e atitude por parte do professor. Formar um aluno crítico exige uma postura crítica, assim como todas as outras características como, autonomia

e protagonismo, tudo isso requer uma mentalidade e postura docente também, dessa forma para que assim ele seja capaz de compreender a função de orientador e mediador dentro do processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com Souza (2007, p. 111), “recurso didático é todo material utilizado como auxílio no ensino-aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado pelo professor a seus alunos”. Esses recursos compõem uma série de instrumentos e métodos pedagógicos que podem ser utilizados como suporte no desenvolvimento das aulas e na organização do processo de ensino e de aprendizagem. Esses recursos são de extrema importância no processo de desenvolvimento cognitivo do estudante, uma vez que ajuda no desenvolvimento da capacidade de observação, faz uma aproximação do educando com a realidade e permite com mais facilidade a fixar o conteúdo e conseqüentemente, a aprendizagem de forma mais rápida e efetiva, onde o aluno poderá usar esse conhecimento em qualquer situação do seu cotidiano.

A formação do cidadão acontece por meio do percurso entre a vida educacional durante a educação básica, esta trajetória garante a todos os indivíduos a formação comum, sendo indispensável na sua formação pessoal e profissional.

Ainda segundo Souza (2007), as aulas associadas aos recursos didático-pedagógicos, contribuem para a assimilação do conteúdo trabalhado, além de ajudar no desenvolvendo de criatividade e habilidades, a autora acrescenta que:

O professor deve ter formação e competência para utilizar os recursos didáticos que estão a seu alcance e muita criatividade, ou até mesmo construir juntamente com seus alunos, pois, ao manipular esses objetos a criança tem a possibilidade de assimilar melhor o conteúdo. Os recursos didáticos não devem ser utilizados de qualquer jeito, deve haver um planejamento por parte do professor, que deverá saber como utilizá-lo para alcançar o objetivo proposto por sua disciplina (SOUZA, 2007, p. 111).

Além de atrair os alunos, os recursos didáticos são estratégias metodológicas que pode ampliar a capacidade de construção do conhecimento, de transformar informações teóricas em uma dimensão mais próxima da realidade e assim facilitando o aprendizado do aluno e contribuindo para a sua formação de forma significativa.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho de pesquisa foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica sobre a Geografia Escolar histórica e contemporânea, além da pesquisa de campo que incluiu a aplicação de questionário com perguntas abertas e fechadas para os professores de Geografia do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental das escolas da Rede Municipal de ensino localizada na sede do município de Timbiras no Estado do Maranhão.

A pesquisa foi realizada na cidade de Timbiras-MA, em cinco escolas públicas da rede municipal, (quadro 1).

Quadro 1 – Levantamento Das Escolas E Nº De Professores De Geografia

ESCOLAS	Nº DE PROFESSORES
Escola Alberto Abdalla	3 (três)
Unidade de Ensino Mundoca Alvim	1 (um)
Unidade de Ensino Manoel Burgos da Cruz	2(dois)
Unidade de Ensino Lauro Pereira	2 (dois)
Unidade de Ensino Lourdes Coelho	3 (três)

Fonte: Pesquisa direta (2019)

As escolas investigadas possui um quadro de 11 professores de Geografia, nos quais suas práticas pedagógicas foram objeto de estudo dessa análise. É relevante mencionar, que estas são todas as escolas da sede do município que ofertam o ensino fundamental 6º ao 9º.

Tendo em vista os objetivos propostos: conhecer as práticas docentes dos professores de Geografia do Ensino Fundamental dos anos Finais da cidade de Timbiras-MA, a fim de avaliar a utilização dos recursos didáticos não convencionais no ensino de geografia; verificar as possíveis contribuições desses recursos para a melhoria do processo de ensino – aprendizagem no ensino de Geografia na educação básica; assim a pesquisa passou por diferentes fases.

Inicialmente, deu-se o processo de levantamento de escolas da sede que ofertam o Ensino Fundamental 6º ao 9º ano e também o levantamento de todos os professores de Geografia que trabalham nessas escolas. Em seguida, foi entregue o termo de consentimento livre e esclarecido para em seguida ser aplicado o questionário com o grupo de professores de geografia que lecionam nessas escolas de ensino fundamental 6º ao 9º ano que foram nove, tendo em vista que dois não puderam participar.

As perguntas do questionário dos professores se referiu sobre o profissional da educação, seu desenvolvimento profissional, a utilização de recursos didáticos convencionais

e não convencionais nas práticas pedagógicas e planejamento quanto à avaliação formando um total de 28 questões.

Os procedimentos adotados para realização desta pesquisa foram: pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo que inclui a pesquisa exploratória e explicativa. A coleta e análise dos dados foram elaboradas a partir da coleta dos dados obtidos na pesquisa de campo, que teve como técnica questionário com perguntas fechadas e abertas que foram interpretados de forma qualitativa. Assim, as etapas que orientaram a estruturação da pesquisa foram organizadas de acordo com o que será descrito abaixo:

Pesquisa bibliográfica → realizada por meio de fontes primárias e secundárias tais como: livros, artigos, revistas, outras publicações; com temas que versam sobre: Geografia Escolar (MORAES 1987); (CAVALCANTI 1998); (FILIZOLA, 2009); sobre o ensino de geografia (ZABALA, 1998, reimpressão: 2008); (CAVALCANTI, 2010); (CAVALCANTI, 2012); sobre os Recursos didáticos não convencionais (SOUZA (2007); (ZABALA, 2010); (JUSTINO, 2011); (SILVA, 2011); (ALENCAR, J. J.; SILVA, J. S., 2018).

Pesquisa exploratória de campo → realizado por meio de observações diretas e aplicação de questionário com perguntas abertas e fechadas e contou com 4 fases:

- 1 – Levantamento das escolas da sede que ofertam o ensino fundamental 6º ao 9º ano;
- 2 – Levantamento de todos os professores de geografia que trabalham nessas escolas;
- 3 – Aplicação de questionário aplicado ao professor de geografia que teve por objetivo conhecer a prática docente de cada um deles. → destinado aos professores de Geografia do Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano das escolas que participaram da pesquisa composto de 28 (vinte e oito) questões. Assim sendo, as perguntas foram distribuída em 4 (quatro partes) da seguinte forma: parte I: Sobre o Profissional da Educação; parte II: Desenvolvimento Profissional; parte III: Utilização de recursos didáticos convencionais e não convencionais nas práticas pedagógicas e planejamento; parte IV: quanto à avaliação;
- 4 – Análise dos dados obtidos a partir das repostas dos questionários;

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No geral, as cinco escolas que ofertam o ensino Fundamental Anos Finais na sede do município de Timbiras-MA, conta com o quadro de 11 professores de Geografia. A pesquisa contou com a participação de apenas 09, aos quais foram aplicado questionário que versaram desde o perfil profissional, as atividades didáticas pedagógicas ligadas a sua atuação docente.

4.1 Diagnóstico da prática pedagógica dos professores de geografia quanto ao uso dos recursos didáticos não convencionais

Para manter o anonimato dos professores que participaram da pesquisa, serão aqui chamados pela sigla “P” de professor, a saber, P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8 e P9, correspondendo aos docentes entrevistados. Todos os nove professores como mencionado são do sexo masculino, suas idades variam de 20 a 57 anos, todos eles são funcionários efetivos da rede municipal, com exceção de P2 que possui contrato temporário, sendo este o único que não é da área da geografia. Já os demais possuem graduação na área com alguma especialização.

Sobre o tempo de serviço os entrevistados responderam ao questionário que variam de seis a mais de vinte anos, exercendo a docência, esse período de tempo nos permite aferir a experiência que possuem em sala de aula. Com exceção de P2 que está de 1 a 2 anos de contrato, e tem apenas 20 anos de idade. Quanto a sua formação todos os professores possuem licenciatura em geografia, menos P2 que está cursando licenciatura em história.

Em relação a quantidade de turmas que esses profissionais lecionam. De acordo com as respostas dos questionários somente P1, P2, P4 e P6 ministram aulas em todas as séries do 6º ao 9º ano. P3 não ministra aula no 9º, e P9 não tem 7º ano. Já P5 somente em 8º e 9º ano e P8 em 6º e 7º ano. E por fim o P7 que só leciona no 9º ano. É perceptível a grande carga horária de trabalho semanal de alguns do grupo levando em conta que as aulas de Geografia têm uma carga horária menor que de outras disciplinas. Essa sobrecarga pode gerar desânimo e cansaço dos professores e dificultar no desenvolvimento de atividades diferenciadas, restando na maioria das vezes o ensino expositivo caracterizado como ensino tradicional o que para muitos alunos reflete uma aula chata e enfadonha, gerando desinteresse e falta de atenção nas aulas.

No quadro 2 são respostas para a pergunta se nos últimos 18 meses, eles teriam participado das atividades de desenvolvimento profissional formal e qual foi o impacto dessas atividades no seu aprimoramento profissional como professor.

Quadro 2 – Desenvolvimento Profissional Formal: Nenhum Impacto (NI), Pequeno Impacto (PI), Impacto Moderado (IM) e Grande Impacto (GI).

Atividade De Formação Formal	Sim (Impacto)	Não
Cursos/oficinas de trabalho	P1(GI); P3(IM); P4(PI); P5(GI); P6(PI); P7(IM); P8(PI); P9(GI);	P2;
Conferências ou seminários sobre educação	P2(IM); P4(PI); P7(IM); P9(GI);	P1; P3; P5; P6; P8;
Pesquisa individual ou em colaboração sobre um tópico de seu interesse profissional	P1(GI); P2(GI); P7(IM); P8(PI);	P3; P4; P5; P6; P9;
Programa de qualificação	P1(GI); P2(IM); P9(GI);	P3; P4; P5; P6; P7; P8;
Participação em uma rede de professores (network) formada especificamente para o desenvolvimento profissional dos professores.	P7(GI); P8(PI); P9(GI);	P1; P2; P3; P4; P5; P6;
Visitas de observação a outras escolas	P7(IM);	P1; P2; P3; P4; P5; P6; P8; P9;
Orientação e/ou observação feita por um colega e supervisão, organizadas formalmente pela escola.	P3(GI);	P1; P2; P4; P5; P6; P7; P8; P9;

Fonte: Pesquisa direta (2019)

Podemos perceber que cursos/oficinas de trabalho (por exemplo, sobre disciplinas ou métodos e/ou outros tópicos relacionados à educação), a grande maioria participou com exceção de P2. O impacto variou entre grande, pequeno e moderado. Em relação às conferências ou seminários sobre educação (quando os professores e/ou pesquisadores apresentam resultados de suas pesquisas e discutem problemas educacionais), P2, P4, P7 e P9 participaram causando impacto variado entre eles.

Quanto ao programa de qualificação (como, por exemplo, um curso de nível de graduação ou pós-graduação que ofereça diploma ou certificado), apenas três participaram que foi P1, P2 e P9. Visitas de observação a outras escolas apenas P7 diz ter participado. E participação em uma rede de professores (network) formada especificamente para o

desenvolvimento profissional, P7, P8 e P9 participam. Em relação à pesquisa individual ou em colaboração sobre um tópico de seu interesse profissional, os que fizeram foi P1, P2 e P7 e P8. Sobre orientação e/ou observação feita por um colega e supervisão, organizadas formalmente pela escola, somente P3 participou dessa atividade.

Apesar de que não participaram de todas as atividades citadas no questionário foi possível perceber que muitos professores estão preocupados com o aprimoramento de seus conhecimentos profissionais e por isso buscam cada vez mais melhorar seu aprendizado. Pode ser também que existem outras atividades que não foram citadas no questionário que estes profissionais participaram.

Das atividades propostas no questionário que os professores não participaram: P1, P2 e P8 de sete delas eles não participaram de quatro, P3 e P4 não participaram de cinco, P5 e P6 não participaram de seis, P7 e P8 não participaram de duas apenas. A única que todos eles não participaram com exceção apenas de P3 foi orientação e/ou observação feita por um colega e supervisão, organizadas formalmente pela escola.

O motivo pelo qual deixaram de participar de muitas atividades de desenvolvimento profissional pode ser associado à falta de tempo, pois muitos deles lecionam em muitas turmas e se cansam, outros além da disciplina de geografia lecionam outras disciplinas. E ainda a falta de incentivo pode ser outro fator uma vez que alguns deles falaram que são desmotivados pela falta de interesses dos alunos.

O quadro 3 se refere ao desenvolvimento profissional menos formal em relação às atividades não formais realizadas nos últimos 18 meses. Das que foram colocadas no quadro todos eles participaram com exceção de P8 que não fez leituras de literatura profissional (por exemplo, jornais, artigos/trabalhos com base em evidência, teses). Dentre os 08 que fizeram leituras de literatura profissional somente P4 teve pequeno impacto e P6 teve impacto moderado, os demais todos tiveram grande impacto. Isso mostra a importância da leitura para o profissional da educação assim como é importante para todas as áreas do conhecimento. Veja a seguir o quadro 3.

Quadro 3 – Desenvolvimento Profissional Informal: Nenhum Impacto (NI), Pequeno Impacto (PI), Impacto Moderado (IM) e Grande Impacto (GI).

PROFESSOR	Participação	
	Sim	Não
Leitura de literatura profissional (por exemplo, jornais, artigos/trabalhos com base em evidência, teses).	P1(GI); P2(GI); P3(GI); P4(PI); P5(GI); P6(IM); P7(GI); P9(GI);	P8;
Participação em conversas informais com os seus colegas sobre como melhorar seu ensino.	P1(IM); P2(GI); P3(IM); P4(PI); P5(IM); P6(PI); P7(GI); P8(PI); P9(GI);	

Fonte: Pesquisa direta (2019)

Quanto às necessidades de desenvolvimento profissional em cada área citada no quadro 4, dos 09 professores, P1, por exemplo, tem grande necessidade no ensino de alunos com necessidades especiais de aprendizagem, assim como P2, P4 e P5. Sobre habilidades em TIC (Tecnologia de Informação e Comunicação) para o ensino P3, P4 e P6 se dizem ter grande necessidade de desenvolvimento profissional. Além dessas atividades, outras podem ser vistas no quadro que alguns têm grande necessidade o que pode ser entendido como uma necessidade de buscar cada vez mais conhecimento em áreas específica como, por exemplo, a TICs (Tecnologia de Informação e Comunicação).

Em relação a não ter nenhuma necessidade apenas P2 e P8 não têm nenhuma necessidade de práticas de avaliação de alunos e gestão da sala de aula e apenas P8 não tem nenhuma necessidade de orientação dos alunos. Ensino de alunos com necessidades especiais de aprendizagem somente P9 marcou que não tem nenhuma necessidade, os demais variaram em grande necessidade e moderada necessidade. Outro ponto importante a destacar é sobre as habilidades em TIC (Tecnologia de Informação e Comunicação) para o ensino, somente P5, P7 e P9 disseram não ter nenhuma necessidade. Confira as necessidades de cada professor no quadro a seguir:

QUADRO 4 – Necessidade de desenvolvimento profissional: Nenhuma Necessidade (NN), Pouca Necessidade (PN), Moderada Necessidade (MN) e Grande Necessidade (GN).

NECESSIDADE DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL	NECESSIDADE DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL: (NN); (PN); (MN); (GN);
Referencial de conteúdo e de desenho para minha(s) principal (is) área(s) de ensino	P1(PN); P2(MN); P3(MN); P4(GN); P5(MN); P6(GN); P7(PN); P8(PN); P9(MN);
Práticas de avaliação de alunos	P1(PN); P2(NN); P3(GN); P4(GN); P5(PN); P6(GN); P7(PN); P8(NN); P9(MN);
Gestão da sala de aula	P1(PN); P2(NN); P3(GN); P4(MN); P6(MN); P7(PN); P8(NN); P9(PN);
Conhecimento e compreensão de minha(s) principal (is) área(s) de ensino	P1(PN); P2(MN); P3(GN); P4(MN); P5(NN); P6(MN); P7(NN); P8(PN); P9(PN);
Conhecimento e entendimento das minha (s) principal (is) área(s) de ensino	P1(PN); P2(MN); P3(GN); P4(MN); P5(NN); P6(GN); P7(NN); P8(PN); P9(NN);
Habilidades em TIC (Tecnologia de Informação e Comunicação) para o ensino	P1(PN); P2(PN); P3(GN); P4(GN); P5(NN); P6(GN); P7(NN); P8(PN); P9(NN);
Ensino de alunos com necessidades especiais de aprendizagem	P1(GN); P2(GN); P3(MN); P4(GN); P5(GN); P6(MN); P7(MN); P8(MN); P9(NN);
Problemas de disciplina e de comportamento dos alunos	P1(PN); P2(PN); P3(MN); P4(GN); P5(PN); P7(PN); P8(MN); P9(PN);
Gestão e administração escolar	P1(MN); P2(GN); P3(MN); P4(MN); P5(NN); P6(MN); P7(PN); P8(PN); P9(NN);
Ensino em ambiente multicultural	P1(MN); P3(MN); P4(GN); P6(MN); P7(NN); P8(PN); P9(NN);
Orientação dos alunos	P1(PN); P3(GN); P4(GN); P6(GN); P7(PN); P8(NN); P9(PN);

Fonte: Pesquisa direta (2019)

4.2 Utilização de recursos didáticos convencionais e não convencionais nas práticas pedagógicas e planejamento

Nesta etapa da pesquisa, é o onde os professores mostram quais são os recursos didáticos utilizados por eles em sua prática docente.

A primeira pergunta sobre o tema era: com que frequência cada uma das seguintes atividades ocorre numa turma específica durante o ano letivo. As atividades citadas foram: Apresento conteúdos novos à turma; Apresento explicitamente os objetivos de aprendizagem;

Revejo com os alunos a lição de casa que eles prepararam; Os alunos trabalham em pequeno grupo para chegarem a uma solução conjunta para um problema ou tarefa; Dou trabalhos diferentes tanto para os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem quanto para aqueles que podem avançar mais rapidamente; Peço que meus alunos sugiram ou ajudem a planejar as atividades ou tópicos a serem desenvolvidos em sala de aula; Peço a meus alunos que se lembrem de todos os passos de um procedimento; No início da aula apresento um breve resumo da aula anterior;

Dando continuidade nas perguntas sobre a utilização de recursos didáticos convencionais e não convencionais tinha: Verifico o caderno de exercício dos meus alunos; Os alunos trabalham em projetos que exigem no mínimo uma semana para serem concluídos; Trabalho com alunos individualmente; Os alunos avaliam e refletem sobre seus próprios trabalhos; Verifico, fazendo perguntas, se a matéria foi ou não entendida; Os alunos em grupos organizados com base em suas habilidades; Os alunos produzem algo que será usado por outra pessoa; Aplico uma prova ou um teste para avaliar a aprendizagem dos alunos; Peço que meus alunos produzam um texto na qual devem explicar seu pensamento ou raciocínio; Os alunos trabalham individualmente com o livro didático ou folhas de exercício para praticarem a matéria recentemente ensinada; Os alunos debatem e discutem sobre um determinado ponto de vista que pode não ser o seu.

A partir de cada item eles teriam que marcar com as alternativas: nunca ou raramente; cerca de um quarto das aulas; cerca de metade das aulas; cerca de três quartos das aulas; em quase todas as aulas. Abaixo será descrito o que cada professor colocou em cada coluna no questionário:

Nunca ou raramente:

P1 – Dou trabalhos diferentes tanto para os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem quanto para aqueles que podem avançar mais rapidamente; Os alunos produzem algo que será usado por outra pessoa.

P2 – Peço que meus alunos sugiram ou ajudem a planejar as atividades ou tópicos a serem desenvolvidos em sala de aula; Peço a meus alunos que se lembrem de todos os passos de um procedimento; Os alunos avaliam e refletem sobre seus próprios trabalhos; Os alunos produzem algo que será usado por outra pessoa.

P3 – Os alunos em grupos organizados com base em suas habilidades; Os alunos produzem algo que será usado por outra pessoa.

P5 – Peço que meus alunos sugiram ou ajudem a planejar as atividades ou tópicos a serem desenvolvidos em sala de aula; Os alunos trabalham em projetos que exigem no

mínimo uma semana para serem concluídos; Trabalho com alunos individualmente; Os alunos avaliam e refletem sobre seus próprios trabalhos; Os alunos produzem algo que será usado por outra pessoa; Peço que meus alunos produzam um texto na qual devem explicar seu pensamento ou raciocínio.

P6 – Verifico o caderno de exercício dos meus alunos; Os alunos trabalham em projetos que exigem no mínimo uma semana para serem concluídos; Os alunos em grupos organizados com base em suas habilidades; Os alunos produzem algo que será usado por outra pessoa; Os alunos debatem e discutem sobre um determinado ponto de vista que pode não ser o seu.

P7 – Peço aos meus alunos que se lembrem de todos os passos de um procedimento; No início da aula apresento um breve resumo da aula anterior.

P8 – Peço que meus alunos sugiram ou ajudem a planejar as atividades ou tópicos a serem desenvolvidos em sala de aula; Peço a meus alunos que se lembrem de todos os passos de um procedimento; Os alunos trabalham em projetos que exigem no mínimo uma semana para serem concluídos; Trabalho com alunos individualmente; Os alunos em grupos organizados com base em suas habilidades; Os alunos produzem algo que será usado por outra pessoa; Peço que meus alunos produzam um texto na qual devem explicar seu pensamento ou raciocínio; Os alunos debatem e discutem sobre um determinado ponto de vista que pode não ser o seu.

Cerca de um quarto das aulas:

P1 – Os alunos trabalham em pequeno grupo para chegarem a uma solução conjunta para um problema ou tarefa; Peço que meus alunos sugiram ou ajudem a planejar as atividades ou tópicos a serem desenvolvidos em sala de aula; Os alunos trabalham em projetos que exigem no mínimo uma semana para serem concluídos; Os alunos em grupos organizados com base em suas habilidades; Aplico uma prova ou um teste para avaliar a aprendizagem dos alunos; Peço que meus alunos produzam um texto na qual devem explicar seu pensamento ou raciocínio; Os alunos debatem e discutem sobre um determinado ponto de vista que pode não ser o seu.

P2 – Apresento conteúdos novos à turma; Revejo com os alunos a lição de casa que eles prepararam; Os alunos trabalham em pequeno grupo para chegarem a uma solução conjunta para um problema ou tarefa; Dou trabalhos diferentes tanto para os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem quanto para aqueles que podem avançar mais rapidamente; Trabalho com alunos individualmente; Os alunos em grupos organizados com

base em suas habilidades; Aplico uma prova ou um teste para avaliar a aprendizagem dos alunos.

P3 – Peço que meus alunos sugiram ou ajudem a planejar as atividades ou tópicos a serem desenvolvidos em sala de aula.

P5 – Apresento explicitamente os objetivos de aprendizagem; Os alunos trabalham em pequeno grupo para chegarem a uma solução conjunta para um problema ou tarefa; Os alunos debatem e discutem sobre um determinado ponto de vista que pode não ser o seu.

P6 – Dou trabalhos diferentes tanto para os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem quanto para aqueles que podem avançar mais rapidamente; Peço que meus alunos sugiram ou ajudem a planejar as atividades ou tópicos a serem desenvolvidos em sala de aula; Peço a meus alunos que se lembrem de todos os passos de um procedimento; No início da aula apresento um breve resumo da aula anterior; Os alunos avaliam e refletem sobre seus próprios trabalhos; Verifico, fazendo perguntas, se a matéria foi ou não entendida; Os alunos produzem algo que será usado por outra pessoa.

P7 – Os alunos trabalham em pequeno grupo para chegarem a uma solução conjunta para um problema ou tarefa; Dou trabalhos diferentes tanto para os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem quanto para aqueles que podem avançar mais rapidamente; Peço que meus alunos sugiram ou ajudem a planejar as atividades ou tópicos a serem desenvolvidos em sala de aula; Verifico o caderno de exercício dos meus alunos; Os alunos trabalham em projetos que exigem no mínimo uma semana para serem concluídos; Trabalho com alunos individualmente; Os alunos avaliam e refletem sobre seus próprios trabalhos; Os alunos em grupos organizados com base em suas habilidades; Os alunos produzem algo que será usado por outra pessoa; Os alunos trabalham individualmente com o livro didático ou folhas de exercício para praticarem a matéria recentemente ensinada; Os alunos debatem e discutem sobre um determinado ponto de vista que pode não ser o seu.

P8 – Revejo com os alunos a lição de casa que eles prepararam; Os alunos trabalham em pequeno grupo para chegarem a uma solução conjunta para um problema ou tarefa; Dou trabalhos diferentes tanto para os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem quanto para aqueles que podem avançar mais rapidamente; No início da aula apresento um breve resumo da aula anterior; Verifico o caderno de exercício dos meus alunos; Os alunos avaliam e refletem sobre seus próprios trabalhos; Verifico, fazendo perguntas, se a matéria foi ou não entendida; Aplico uma prova ou um teste para avaliar a aprendizagem dos alunos.

Cerca de metade das aulas:

P1 – Apresento conteúdos novos à turma; Apresento explicitamente os objetivos de aprendizagem; Peço a meus alunos que se lembrem de todos os passos de um procedimento; Trabalho com alunos individualmente; Os alunos trabalham individualmente com o livro didático ou folhas de exercício para praticarem a matéria recentemente ensinada.

P2 – Os alunos trabalham em projetos que exigem no mínimo uma semana para serem concluídos; Peço que meus alunos produzam um texto na qual devem explicar seu pensamento ou raciocínio.

P3 – Os alunos avaliam e refletem sobre seus próprios trabalhos; Os alunos debatem e discutem sobre um determinado ponto de vista que pode não ser o seu.

P4 – Apresento conteúdos novos à turma; Apresento explicitamente os objetivos de aprendizagem; Revejo com os alunos a lição de casa que eles prepararam; Os alunos trabalham em pequeno grupo para chegarem a uma solução conjunta para um problema ou tarefa; Dou trabalhos diferentes tanto para os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem quanto para aqueles que podem avançar mais rapidamente; Peço que meus alunos sugiram ou ajudem a planejar as atividades ou tópicos a serem desenvolvidos em sala de aula; Peço a meus alunos que se lembrem de todos os passos de um procedimento; No início da aula apresento um breve resumo da aula anterior; Verifico o caderno de exercício dos meus alunos; Os alunos trabalham em projetos que exigem no mínimo uma semana para serem concluídos; Trabalho com alunos individualmente; Os alunos avaliam e refletem sobre seus próprios trabalhos; Verifico, fazendo perguntas, se a matéria foi ou não entendida; Os alunos em grupos organizados com base em suas habilidades; Os alunos produzem algo que será usado por outra pessoa; Aplico uma prova ou um teste para avaliar a aprendizagem dos alunos; Peço que meus alunos produzam um texto na qual devem explicar seu pensamento ou raciocínio; Os alunos trabalham individualmente com o livro didático ou folhas de exercício para praticarem a matéria recentemente ensinada; Os alunos debatem e discutem sobre um determinado ponto de vista que pode não ser o seu;

P6 – Apresento conteúdos novos à turma; Revejo com os alunos a lição de casa que eles prepararam; Os alunos trabalham em pequeno grupo para chegarem a uma solução conjunta para um problema ou tarefa; Trabalho com alunos individualmente; Peço que meus alunos produzam um texto na qual devem explicar seu pensamento ou raciocínio; Os alunos trabalham individualmente com o livro didático ou folhas de exercício para praticarem a matéria recentemente ensinada;

P7 – Apresento conteúdos novos à turma; Apresento explicitamente os objetivos de aprendizagem; Peço que meus alunos produzam um texto na qual devem explicar seu pensamento ou raciocínio. **P8** – Apresento explicitamente os objetivos de aprendizagem; Os alunos trabalham individualmente com o livro didático ou folhas de exercício para praticarem a matéria recentemente ensinada;

P9 – No início da aula apresento um breve resumo da aula anterior; Trabalho com alunos individualmente; Os alunos produzem algo que será usado por outra pessoa; Aplico uma prova ou um teste para avaliar a aprendizagem dos alunos;

Cerca de três quarto das aulas:

P1 – Os alunos avaliam e refletem sobre seus próprios trabalhos;

P3 – Os alunos trabalham em pequeno grupo para chegarem a uma solução conjunta para um problema ou tarefa; Dou trabalhos diferentes tanto para os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem quanto para aqueles que podem avançar mais rapidamente; Peço a meus alunos que se lembrem de todos os passos de um procedimento; Os alunos trabalham em projetos que exigem no mínimo uma semana para serem concluídos; Peço que meus alunos produzam um texto na qual devem explicar seu pensamento ou raciocínio;

P5 – Dou trabalhos diferentes tanto para os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem quanto para aqueles que podem avançar mais rapidamente; Verifico, fazendo perguntas, se a matéria foi ou não entendida; Os alunos em grupos organizados com base em suas habilidades; Aplico uma prova ou um teste para avaliar a aprendizagem dos alunos; **P6** – Apresento explicitamente os objetivos de aprendizagem;

P7 – Verifico, fazendo perguntas, se a matéria foi ou não entendida;

P8 – Apresento conteúdos novos à turma;

P9 – Apresento conteúdos novos à turma; Peço a meus alunos que se lembrem de todos os passos de um procedimento; Os alunos trabalham em projetos que exigem no mínimo uma semana para serem concluídos; Os alunos em grupos organizados com base em suas habilidades; Os alunos trabalham individualmente com o livro didático ou folhas de exercício para praticarem a matéria recentemente ensinada.

Em quase todas as aulas:

P1 – Revejo com os alunos a lição de casa que eles prepararam; No início da aula apresento um breve resumo da aula anterior; Verifico o caderno de exercício dos meus alunos; Verifico, fazendo perguntas, se a matéria foi ou não entendida;

P2 – Apresento explicitamente os objetivos de aprendizagem; No início da aula apresento um breve resumo da aula anterior; Verifico o caderno de exercício dos meus alunos;

Verifico, fazendo perguntas, se a matéria foi ou não entendida; Os alunos trabalham individualmente com o livro didático ou folhas de exercício para praticarem a matéria recentemente ensinada; Os alunos debatem e discutem sobre um determinado ponto de vista que pode não ser o seu;

P3 – Apresento conteúdos novos à turma; Apresento explicitamente os objetivos de aprendizagem; Revejo com os alunos a lição de casa que eles prepararam; No início da aula apresento um breve resumo da aula anterior; Verifico o caderno de exercício dos meus alunos; Trabalho com alunos individualmente; Verifico, fazendo perguntas, se a matéria foi ou não entendida; Aplico uma prova ou um teste para avaliar a aprendizagem dos alunos; Os alunos trabalham individualmente com o livro didático ou folhas de exercício para praticarem a matéria recentemente ensinada;

P5 – Apresento conteúdos novos à turma; Revejo com os alunos a lição de casa que eles prepararam; Peço a meus alunos que se lembrem de todos os passos de um procedimento; No início da aula apresento um breve resumo da aula anterior; Verifico o caderno de exercício dos meus alunos; Os alunos trabalham individualmente com o livro didático ou folhas de exercício para praticarem a matéria recentemente ensinada;

P7 – Revejo com os alunos a lição de casa que eles prepararam;

P9 – Apresento explicitamente os objetivos de aprendizagem; Revejo com os alunos a lição de casa que eles prepararam; Os alunos trabalham em pequeno grupo para chegarem a uma solução conjunta para um problema ou tarefa; Dou trabalhos diferentes tanto para os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem quanto para aqueles que podem avançar mais rapidamente; Peço que meus alunos sugiram ou ajudem a planejar as atividades ou tópicos a serem desenvolvidos em sala de aula; Verifico o caderno de exercício dos meus alunos; Os alunos avaliam e refletem sobre seus próprios trabalhos; Verifico, fazendo perguntas, se a matéria foi ou não entendida; Peço que meus alunos produzam um texto na qual devem explicar seu pensamento ou raciocínio; Os alunos debatem e discutem sobre um determinado ponto de vista que pode não ser o seu.

As respostas variam muito para cada professor, pois essa é uma parte muito individual de cada um. Mas o que pode ser observado e ressaltado é a questão do que é feito com mais frequência, no caso de P1, P3, P5, P7 e P9 rever com os alunos a lição de casa que eles prepararam em quase todas as aulas, isso é de fato muito importante porque o aluno vai se interessar mais para fazer o dever de casa, pois vai lembrar que o professor vai ver se ele fez. Outra coisa que P1, P2, P3, P5 faz em quase todas as aulas é no início da aula apresentar um breve resumo da aula anterior, esse é também outro fator importante para se fazer uma

conexão de um assunto para outro e também um meio de os alunos mostrarem o que te fato aprenderam, e o último ponto não menos importante que foi mais marcado como feito em quase todas as aulas por P1, P2, P3, P9 foi: verifico, fazendo perguntas, se a matéria foi ou não entendida. Esse é outro ponto que pode motivar o aluno a se dedicarem mais em aprender o que é passado nas aulas.

Sobre o que são os recursos não convencionais as respostas foram as seguintes:

P1 – São recursos que não foram elaborados exclusivamente para sala de aula como o livro o livro didático, por exemplo, mas que podem ser usados em sala de aula como auxílio nos conteúdos de geografia. Esses recursos são: a charge, o jornal, filmes, a internet, a música, a fotografia, a literatura de cordel, etc.

P2 – São recursos alternativos disponíveis ao professor e que sejam capazes de auxiliar ou ampliar o aprendizado dos alunos.

P3 – Não quis responder

P4 – Data show, computador, internet, teleconferência, videoconferência.

P5 – São recursos utilizados de forma não sequenciadas e diárias.

P6 – Não quis responder.

P7 – São recursos utilizados em sala de aula que não foram criados para esse fim.

P8 – São alguns recursos de ensino que não funcionam como material didático, só como improviso ou opção.

P9 – Para mim são recursos encontrados além-sala de aula, como jornais, revistas e outros, para melhor aprendizagem do aluno.

De acordo com as respostas da próxima pergunta poucos são os docentes que utilizam outros recursos além do livro didático, como por exemplo: charges, cinema, poesia, música, dentre outros, apesar do potencial e valor didático no processo de ensino aprendizagem.

As alternativas eram compostas por: Aula expositiva; Seminário; Aulas práticas e laboratório; Aulas práticas de campo; Aulas práticas de clínica; Trabalho em grupo; Discussão de casos; Debate com a classe toda; Estudo dirigido; Instrução individualizada Outro. Qual? Cite-o.

Quanto aos mecanismos usados por estes profissionais, note que aulas expositivas todos os professores marcaram que usam com maior frequência. O motivo pelo qual os professores optam por este método pode está ligado à falta de recursos didáticos disponíveis nas escolas ou ainda pela sobrecarga de horas aulas que dificulta o planejamento de uma aula mais diferenciada, ou seja, mais dinâmica. Seria interessante que a maioria dos professores pudesse utilizar recursos e métodos criativos para chamar a atenção do aluno e assim prender

sua atenção. Porém, nem sempre o professor consegue fazer o que gostaria nas suas aulas por falta de apoio com material didático. Aulas práticas que é dita como uma maneira de o aluno aprender fazendo foi marcada apenas por P7 e P9, depois de aulas expositivas, seminários e trabalho em grupo foram os mais marcados. Veja a seguir no quadro 5.

Quadro 5 – Métodos de Ensino Utilizados Com Maior Frequência Pelo Grupo de Professores

PROFESSOR	MÉTODOS DE ENSINO UTILIZADOS COM MAIOR FREQUÊNCIA
P1	Aula expositiva; Seminário; Trabalho em grupo e participação individual do aluno.
P2	Aula expositiva; Seminário; Trabalho em grupo; discussão de casos; debate com a classe toda; estudo dirigido; instrução individualizada e pesquisas em grupo feitas na internet.
P3	Aula expositiva; Seminário; Trabalho em grupo e debate com a classe toda.
P4	Aula expositiva; Discussão de casos e debate com a classe toda.
P5	Aula expositiva; Seminário; Trabalho em grupo; estudo dirigido; instrução individualizada.
P6	Aula expositiva; Trabalho em grupo; estudo dirigido.
P7	Aula expositiva; Seminário; aulas práticas de campo; Trabalho em grupo; discussão de casos; debate com a classe toda; estudo dirigido; instrução individualizada.
P8	Aula expositiva; Trabalho em grupo; Discussão de casos; Debate com a classe toda; instrução individualizada, pesquisas, atividade para casa etc.
P9	Aula expositiva; Seminário; aulas práticas de campo; Trabalho em grupo; discussão de casos; debate com a classe toda; instrução individualizada.

Fonte: Pesquisa direta (2019)

O livro didático é sem dúvida um instrumento didático que não pode faltar na sala de aula, não porque ele seja uma ferramenta completa, mas por ele ser o apoio de muitos professores que na maioria das vezes não tem outra ferramenta que pode ser usada na sala de aula, e que também pode ser usado pelo aluno e isso ajuda no processo de ensino/aprendizagem.

Nesse sentido, apesar do livro didático ser uma ferramenta bastante utilizada em sala de aula, a maioria do grupo de professores pesquisados não considera como uma ferramenta completa. Eles acreditam que é preciso de outros meios para completar o conteúdo do livro didático, com exceção de P6 que diz que sim, mas em outros momentos nas próximas perguntas acaba se contradizendo.

Veja o que cada professor respondeu na pergunta “você considera o livro didático como uma ferramenta completa para as aulas de geografia”. Confira as repostas no quadro 6:

Quadro 6 – se considera o livro didático como uma ferramenta completa para as aulas de geografia.

PROFESSOR	VOÇÊ CONSIDERA O LIVRO DIDÁTICO COMO UMA FERRAMENTA COMPLETA PARA AS AULAS DE GEOGRAFIA?
P1	Não, porque apesar de o livro didático de geografia no Brasil já ter melhorado ele não é suficiente para uma melhor compreensão da disciplina.
P2	O livro didático é uma das mais importantes ferramentas do professor, mas que não apresenta em muitos casos a realidade do aluno.
P3	Não, precisa fazer pesquisa e buscar mais conhecimento, tanto pelo professor quanto pelo aluno.
P4	Não, uso também outros meios de informação como documentários, filmes, uso da internet.
P5	Não, pois para cada aula é necessário usar outras ferramentas, como textos e pesquisas para aprimorar a aprendizagem.
P6	Sim, porque através do livro é possível um maior alcance na aprendizagem dos alunos.
P7	Não, só o livro não oferece todos os recursos necessários para as aulas.
P8	Nem sempre porque precisamos recorrer outras fontes de conhecimentos para melhor transmitir os conteúdos de aprendizagem para o aluno.
P9	Não, porque nem tudo é encontrado nos livros, por isso pesquiso para aprofundar sobre o assunto dado.

Fonte: Pesquisa direta (2019)

Os recursos não convencionais escolhidos para o questionários são de fácil acesso, mas nem sempre estão disponíveis para os professores nas escolas. O professor pode tentar sozinho trazer materiais de apoio para tornar suas aulas mais divertidas, mas nem sempre isso é possível pela quantidade de aulas que tem que lecionar. No quadro 7 mostra quais são os recursos não convencionais mais utilizados pelos professores das escolas municipais de Timbiras-MA.

Quadro 7 – Sobre os recursos não convencionais utilizados e não utilizados pelos professores.

OS RECURSOS DIDÁTICOS NÃO CONVENCIONAIS UTILIZADOS E NÃO UTILIZADOS PELOS PROFESSORES	
Fotografia	Todos utilizam
Filme	Somente P6 não utiliza
Pintura	P3; P5 e P6 não utilizam.
Televisão	P2; P5; P6; P7 não utilizam
Jornal	P1; P3; P4; P5 não utilizam
DVD-vídeo	Somente P3; P8 e P9 utilizam.
Rádio	Somente P3 utiliza
Teleconferência	Nenhum utiliza
Videoconferência	Nenhum utiliza

Fonte: Pesquisa direta (2019)

A tecnologia celular está cada vez mais comum na atualidade, mesmo sendo um aparelho que pode ajudar bastante em pesquisas para os alunos, nem todos podem usar em sala de aula. As razões para isso pode variar de acordo com a realidade vivenciada por cada professor ou o ambiente escolar que se encontra cada um desses profissionais pesquisados. Como pode ser notado P1 diz que a rede municipal tem uma visão negativa do uso do celular pelo aluno. No geral foram quatro não, e cinco sim, se todas afirmativas são verdadeiras significa que a tecnologia em sala de aula esta ganhando força e que os alunos vão poder ter acesso cada vez mais essa ferramenta que pode contribuir muito com o seu aprendizado. Confira o quadro 8:

Quadro 8 – sobre o uso da tecnologia celular se é permitida em sala de aula.

PROFESSOR	Uso da tecnologia celular em sala de aula
P1	Não, porque na rede municipal ainda há uma visão negativa sobre esse aparelho que pode ser tão útil no processo educacional.
P2	Sim
P3	Não, pois o uso de celular é proibido pela escola.
P4	Sim
P5	Sim
P6	Sim, através da internet no celular é possível o aluno ter um maior conhecimento no assunto direcionado.
P7	Não quis responder.
P8	Não, porque poucos alunos possuem o aparelho e a grande maioria não possui.
P9	Sim, porque existem várias opções no celular de pesquisa, para desenvolvimento do aluno... Serve como pesquisa, é o aproveitamento para mim.

Fonte: Pesquisa direta (2019)

Quanto à pergunta "quais recursos didáticos os professores gostariam de usar em suas aulas de Geografia, mas que não está disponível na escola que eles trabalham?".

Essa pergunta é bastante interessante para entender o que falta para melhorar o desenvolvimento do profissional, pois aqui eles teriam a oportunidade de expressar de que forma eles gostaria de trabalhar em sala de aula, com recursos que eles acreditam que poderia facilitar para a aprendizagem de seus alunos. Nota-se que recursos tecnológicos modernos foram bem mais citados como, por exemplo, P1 que gostaria que tivesse internet disponível na sala de aula, TV de qualidade e computador. Esses são recursos que poderia ser oferecido pela escola, mas infelizmente não tem.

P2 gostaria de um laboratório de informática com Google Earth disponível para que os alunos viajassem o mundo através do aplicativo. É um recurso que também era possível ter nas escolas porque faz parte das ferramentas necessárias para se ter uma educação de qualidade.

P3 mostrou a preocupação dos alunos aprenderem através dos mapas e deixa claro o quanto é importante que o professor tenha recursos disponíveis para suas aulas.

P4 também gostaria de usar a tecnologia em suas aulas, assim como P5 que só queria usar computador e Data show e P7 que queria usar lousa digital. Já P6 gostaria que tivesse mais textos que aprofundassem os conteúdos do livro didático. Apesar de ser o único que respondeu no quadro 6 (p. 44) na pergunta sobre o livro didático, que considerava o livro uma ferramenta completa.

P8 gostaria de usar Data show, computadores e GPS, são ferramentas bastante úteis para as aulas de geografia. Enquanto P9 relatou que acredita que tem quase tudo disponível na escola onde trabalha que é o suficiente para a aprendizagem de nossos alunos. De fato é uma resposta bastante intrigante sendo que P8 é da mesma instituição de ensino e gostaria que tivesse Data show e computador e GPS, recursos simples e que lhe faz falta porque ajuda muito o professor principalmente no ensino de Geografia.

Todas essas ferramentas que compõe o quadro 9, são de grande importância para o ensino de geografia. O mapa, não precisa ser usado em todas as aulas, mas, por exemplo, em um estudo sobre continentes ou outro conteúdo que tenha um mapa é bem interessante que os alunos tenham acesso a um mapa maior que possa ser mostrado de uma vez só para toda a turma. Outros exemplos que podem ser citados é no caso de localização, escalas, legendas e outros. O mapa é uma ferramenta bem completa que pode ser usado para várias informações. Acontece que muitos professores não têm acesso, porque a escola às vezes não oferece, e ele simplesmente não compra para seu uso exclusivo. Outros a escola oferece, mas não utiliza.

No caso dos professores pesquisados a maioria dos recursos disponíveis nas escolas são usados por eles. Isso mostra que quanto mais recursos forem oferecidos pelas escolas melhor será para o desenvolvimento do profissional em sala de aula e conseqüentemente ajudará no processo de ensino – aprendizagem. Confira no quadro 9 o que cada professor marcou sobre os recursos disponíveis e que eles usam.

Quadro 9 – Sobre os Recursos Disponíveis Na Escola Que São Utilizados e Os Que Não Estão Disponíveis: Disponível (D), Não Disponível (ND), Utiliza (U), Não Utiliza (NU).

PROFESSOR	Recursos didáticos
P1	Data show (U); computador (ND, U); mapas (U); atlas geográficas (U);
P2	Data show (U); computador (U); mapas (ND); atlas geográficas (ND);
P3	Data show (U); computador (U); mapas (U); atlas geográficas (U);
P4	Data show (U); computador (U); mapas (ND); atlas geográficas (ND);
P5	Data show (U); computador (ND); mapas (ND); atlas geográficas (ND);
P6	Data show (D); computador (ND); mapas (D); atlas geográficas (D);

P7	Data show (D, U); computador (D, U); mapas (D, U); atlas geográficas (D, U);
P8	Data show (ND); computador (ND); mapas (D, U); atlas geográficas (D, U);
P9	Data show (D, U); computador (D, U); mapas (D, U); atlas geográficas (D, U);

Fonte: Pesquisa direta (2019)

No quadro 10 teve pouca diferença na maneira como cada professor planeja suas aulas, apenas P2, P5 e P8 planejam suas aulas diariamente. P1 e P9 planejam semanalmente e os demais, P3, P4, P6 e P7 planejam suas aulas mensalmente. A questão do planejamento é algo mais pessoal e também muito importante para o processo de ensino – aprendizagem. Se o professor não planeja suas aulas a aprendizagem do aluno pode ser comprometida, assim como pode também dificultar no seu desenvolvimento como profissional. Confira o quadro 10 a seguir.

Quadro 10 – Sobre o planejamento de aulas

PROFESSOR	Planejamento de aulas (diariamente, semanalmente, mensalmente ou outra maneira).
P1	Semanalmente
P2	Diariamente
P3	Mensalmente
P4	Mensalmente
P5	Diariamente
P6	Mensalmente
P7	Mensalmente
P8	Diariamente
P9	Semanalmente

Fonte: Pesquisa direta (2019)

Sobre a importância de ter a Geografia no currículo do ensino fundamental escolar. A geografia é uma disciplina que faz parte da grade no currículo escolar e que é de grande importância para o aluno na sua vida na sociedade. Os professores tiveram a oportunidade de expressar seu ponto de vista em relação a essa pergunta que sem dúvida é tão importante quanto às demais, as respostas de cada um ficou da seguinte forma:

P1 – É de suma importância, pois, a geografia quando bem trabalhada revela ao discente o mundo no qual está inserido e lhe das condições de entender e ou compreender a sua realidade.

P2 – A geografia permite aos alunos uma compreensão da sua realidade, região e lugar podendo compreender os fenômenos físicos e humanos que o circunda.

P3 – É fundamental para o conhecimento crítico do aluno.

P4 – Os conteúdos de geografia é fundamental para o conhecimento diário dos alunos

P5 – Ajudar na compreensão de mundo

P6 – Extremamente importante, pois a Geografia ajuda a entender os problemas mundiais do globo terrestre como (economia, política, agricultura, saúde, educação assistência social e outros)...

P7 – Bastante importante, pois permite interação com o(s) contextos atuais permitindo interação, conhecimento.

P8 – Para melhor completar seus conhecimentos curriculares e para vida profissional.

P9 – Muito importante, a geografia hoje nos faz viajar o mundo através do tempo, clima, a localização de cada continente, países, capitais, hemisférios, para mim a geografia é essencial no ensino do nosso país.

É notável que cada professor defende a área que atua, mas não somente isso, de fato a geografia é de grande importância para a educação no país e no mundo. Esta foi uma disciplina que passou por grandes transformações e que hoje podemos ver o quanto ela significa na vida de cada um. Através dela como diz P9 “nos faz viajar o mundo” então ela é um componente curricular bastante rico na educação do cidadão no mundo.

Quanto a maior dificuldade encontrada na prática docente. Atualmente o professor encontra grandes dificuldades na sala aula isso não é novidade para ninguém, acontece que muitos alunos parece está perdendo a vontade de estudar, mas são obrigados a irem para escola, ou pelos pais ou pelo sistema que obriga o cidadão estudar. Com isso o aluno por está no local que não gostaria de está faz o que quer, bagunça a aula, não presta atenção, não faz atividades e etc. Mas existe também a maneira de o professor lecionar que implica no retorno do aluno de certa forma. O professor tem o desafio de fazer com o aluno presta atenção na sua aula. Uma maneira que foi citada pela maioria dos professores em relação à aula expositiva pode não ser um método atrativo. Nota-se que a falta de recursos, a falta de infraestrutura e a falta de interesse por parte dos alunos foram às dificuldades citadas.

P1, por exemplo, se incomoda com seu ambiente de trabalho, a falta de infraestrutura compromete o aprendizado dos alunos. “A falta de educação” citada por ele pode ser resultado do ambiente hostil ao qual ele cita. Ninguém consegue ficar feliz num local quente e escuro ao mesmo tempo.

P2 ressalta a questão da família na educação dos filhos, assim como P3. Sabe se que a escola sozinha não faz um trabalho completo, os pais ou responsáveis também precisam incorporar esse papel na educação dos filhos.

Já P4 deixa claro que a falta de tecnologia é o que mais dificulta na sua prática docente. P5 diz ser a falta de estrutura e P6 a falta de apoio com material didático.

P7 foi quem mais se diferenciou dos demais quando diz que o que dificulta seu desenvolvimento é o não nivelamento de alunos em uma. De certa forma essa é uma questão preocupante para o professor. Às vezes é preciso que o profissional passe atividades distintas para facilitar ao aluno, outros simplesmente toca sua aula e quem respondeu tudo bem. P8 e P9 foram para o mesmo sentido. O primeiro destaca as atitudes de liberdade e a perda de valores por parte dos alunos, o outro fala da questão de falta de interesse de aprender.

É possível perceber que essas dificuldades são bem comuns no cotidiano, não precisa ser professor para entender que enfrentar uma sala de aula com dezenas e dezenas de crianças ou jovens em sala de aula não é tarefa fácil.

Mas enfim, os professores citaram suas dificuldades particulares encontradas na sua prática docente no quadro 11 confira.

Quadro 11 – A maior dificuldade encontrada na prática docente

PROFESSOR	A maior dificuldade encontrada na prática docente
P1	Principalmente, a infraestrutura das escolas em que trabalho, salas de aulas quentes e, às vezes mal iluminadas e também a falta de educação dessa geração atual.
P2	A dificuldade de interação com o ambiente social em que escola atua, pais família e órgãos responsáveis pelos jovens.
P3	A participação da família na vida escolar dos seus filhos.
P4	Falta de uma sala adequada com internet e outras tecnologias.
P5	Falta de estrutura para trabalhar e recursos didáticos.
P6	Falta de apoio com material didático
P7	Em muitas vezes o não nivelamento de alunos em uma sala.
P8	As atitudes de liberdade democráticas por parte dos alunos, a perda de valores.
P9	A dificuldade de o aluno aprender hoje, porque o que observamos é que nossos alunos perderam o interesse de aprender e de conhecer seus limites.

Fonte: Pesquisa direta (2019)

O que é ensinar? Essa pergunta é bem interessante porque ela mostra o que cada professor entende por ensinar. As respostas de cada um foi o seguinte:

P1 – Para mim, ensinar não é simplesmente repassar conteúdo, mas, é pensar o outro como um ser em construção e que sou responsável pelo pleno desenvolvimento do aluno.

P2 – Ensinar e desenvolver e aplicar estratégias de transmissão de conhecimento.

P3 – É fazer com que os seres humanos possam entender o mundo em que vive.

P4 – O ensino é uma forma sistemática de transmissão do conhecimento.

P5 – É orientar e sensibilizar o aluno da importância de compreender o mundo em que vivemos.

P6 – É a arte de aprender e ensinar com resultados que possa mudar pra melhor a vida das pessoas.

P7 – Vejo com uma forma sistemática de transmissão de conhecimento em todos os envolvidos.

P8 – É compartilhar com o próximo (alunos) seus conhecimentos curriculares e vitais de forma humana e profissional.

P9 – É um dom que Deus deu para aquela pessoa que realmente tem aquela vocação de ensinar tudo aquilo que lhe foi ensinado, é trabalhar com o amor e com o coração, sempre visando o bem estar do aluno.

Nenhum professor relatou que ensinar é algo ruim, o que de fato não é. Ensinar o que você sabe ou aprendeu é gratificante, pois mostra que seu conhecimento é útil para outras pessoas. Todas as respostas foram bem pessoais e bem interessantes pois a maioria demonstra amor ao próximo e a profissão que tem como profissionais da educação.

Ser professor na atualidade é algo bem comum, porém não é bem comum à escolha por esta profissão. A maioria dos estudantes sonha com a medicina, advocacia e outras profissões, mas raramente você encontra alguém que queira ser professor hoje. A maneira como o professor é tratado pode ser o motivo pelo qual poucas pessoas optam para essa área. Baixos salários, ambientes de trabalho hostil, não são respeitados em sala de aula etc.

As opções do questionário foram: Falta de opção no mercado de trabalho; status social; amor pela profissão; boa remuneração; falta de opção na região onde eu moro; falta de condições financeiras para enfrentar outro curso;

Veja que a maioria respondeu que foi pela vontade de ensinar, mas nenhum falou que foi pela boa remuneração. Alguns ainda colocaram que foi amor à profissão, como P1, P2, P7 e P9. Vale lembrar que essa escolha foi feita por eles há muitos anos atrás, e não foi algo atual, com exceção de P1 que ainda está cursando sua licenciatura. Talvez se fosse hoje as escolha que alguns fizeram há anos atrás, as respostas seriam diferentes para alguns. Os motivos de cada professor são citados no quadro 12 abaixo.

Quadro 12 – motivos que levaram a escolher a profissão de professor

PROFESSOR	Motivos que levaram a escolher a profissão de professor
P1	Vontade de ensinar; Status social; Amor pela profissão; Falta de condições financeiras para enfrentar outro curso.
P2	Vontade de ensinar; Status social; Amor pela profissão;
P3	Vontade de ensinar.
P4	Vontade de ensinar.
P5	Vontade de ensinar.
P6	Vontade de ensinar.
P7	Vontade de ensinar; Amor pela profissão.
P8	Falta de opção na região onde moro.
P9	Amor pela profissão.

Fonte: Pesquisa direta (2019)

4.3 Quanto à avaliação

As perguntas que se seguem foram feitas para entender o processo avaliativo dos professores com seus alunos. As respostas de todos eles foram quase o mesmo para tudo que foi perguntado quanto o instrumento avaliativo usado com maior frequência. Nota-se que a prova escrita e trabalho escrito foi usado para todos eles. O seminário também foi bastante usado, com exceção de P4, P5, P6 e P8 que foi o único que usa prova oral. Esses métodos de avaliação (prova escrita e trabalho escrito) são os mais usados pelos professores atualmente, e pode às vezes ser interpretado de maneira bem distorcida.

Através do teste escrito o aluno terá que provar que ele aprendeu determinado conteúdo que foi repassado em sala de aula. Acontece que muitos alunos não prestam atenção nas aulas então fica bastante complicado ele se lembrar do que o professor falou. Esse é um grande desafio encontrado por professores e alunos na contemporaneidade. No quadro 13 a seguir estão os instrumentos avaliativos citados com maior frequência.

Quadro 13 – Sobre o instrumento avaliativo usado com maior frequência

PROFESSOR	Instrumento avaliativo usado com maior frequência
P1	Prova escrita; trabalho escrito; seminário.
P2	Prova escrita; trabalho escrito; seminário.
P3	Prova escrita; trabalho escrito; seminário.
P4	Prova escrita; trabalho escrito.
P5	Prova escrita; trabalho escrito.
P6	Prova escrita; trabalho escrito.
P7	Prova escrita; trabalho escrito; seminário.
P8	Prova escrita; prova oral; trabalho escrito.
P9	Prova escrita; trabalho escrito; seminário.

Fonte: Pesquisa direta (2019)

Sobre quando é feita a avaliação. O sistema de aplicação das avaliações na maioria das vezes é determinado pelo sistema geral do município. Nesse caso as respostas foram todas iguais. Todos os professores fazem a suas avaliações ao final da unidade ou tema.

O quadro 14 fala sobre os procedimentos didáticos adotados nas aulas, as aulas expositivas foram marcadas com mais frequência mais uma vez como sendo a mais usada pelos professores, com exceção de P1 que marcou às vezes (A), P6 que não marcou aulas expositivas, e P9 que não marcou com que frequência costuma adotar esses métodos. Confira o quadro 14:

Quadro 14 – sobre os procedimentos didáticos adotados nas suas aulas: às vezes (A); raramente (R); muito frequente (MF) e nunca (N).

PROFESSOR	Os procedimentos didáticos adotados nas suas aulas
P1	Aulas expositivas (A); Síntese do assunto estudado (A); Debate com toda a classe (A); Estudo de caso (R); Ensino com pesquisa (A); Elaboração de relatórios (R); Seminários (A); Visitas técnicas e excursões (N); Teleconferência (N); Leituras de obras clássicas (N); Ensino por projetos (A); Uso de retro projetor (N); Uso de data show (MF); Uso de computador (MF); Uso de vídeo (MF); Estudo dirigido (A); Recursos audiovisuais (MF); Aulas práticas e de laboratório (N); Apostilas (R); Leituras periódicas (A); Outras leituras (A).
P2	Aulas expositivas (MF); Síntese do assunto estudado (A); Debate com toda a classe (MF); Estudo de caso (A); Ensino com pesquisa (R); Elaboração de relatórios (N); Seminários (A); Visitas técnicas e excursões (N); Teleconferência (N); Leituras de obras clássicas (N); Ensino por projetos (A); Uso de retro projetor (A); Uso de data show (A); Uso de computador (N); Uso de vídeo (A); Estudo dirigido (MF); Recursos audiovisuais (MF); Aulas práticas e de laboratório (?); Apostilas (N); Leituras periódicas (N); Outras leituras (A).
P3	Aulas expositivas (MF); Síntese do assunto estudado (A); Debate com toda a classe (MF); Estudo de caso (A); Ensino com pesquisa (A); Elaboração de relatórios (N); Seminários (A); Visitas técnicas e excursões (R); Teleconferência (N); Leituras de obras clássicas (A); Ensino por projetos (A); Uso de retro projetor (N); Uso de data show (MF); Uso de computador (MF); Uso de vídeo (A); Estudo dirigido (N); Recursos audiovisuais (A); Aulas práticas e de laboratório (N); Apostilas (R); Leituras periódicas (A); Outras leituras (R).
P4	Aulas expositivas (MF); Síntese do assunto estudado (MF); Debate com toda a classe (MF); Estudo de caso (MF); Ensino com pesquisa (R); Elaboração de relatórios (R); Seminários (R); Visitas técnicas e excursões (R); Teleconferência (R); Leituras de obras clássicas (R); Ensino por projetos (R); Uso de retro projetor (R); Uso de data show (R); Uso de computador (R); Uso de vídeo (R); Estudo dirigido (R); Recursos audiovisuais (R); Aulas práticas e de laboratório (N); Apostilas (R); Leituras periódicas (R); Outras leituras (R).

Fonte: Pesquisa direta (2019)

(Continuação quadro 14)

P5	Aulas expositivas (MF); Síntese do assunto estudado (MF); Debate com toda a classe (A); Estudo de caso (N); Ensino com pesquisa (R); Elaboração de relatórios (N); Seminários (A); Visitas técnicas e excursões (N); Teleconferência (N); Leituras de obras clássicas (N); Ensino por projetos (R); Uso de retro projetor (MF); Uso de data show (MF); Uso de computador (MF); Uso de vídeo (MF); Estudo dirigido (MF); Recursos audiovisuais (R); Aulas práticas e de laboratório (N); Apostilas (R); Leituras periódicas (R); Outras leituras (R).
P6	Aulas expositivas (MF); Síntese do assunto estudado (N); Debate com toda a classe (N); Estudo de caso (N); Ensino com pesquisa (N); Elaboração de relatórios (N); Seminários (N); Visitas técnicas e excursões (N); Teleconferência (N); Leituras de obras clássicas (N); Ensino por projetos (A); Uso de retro projetor (A); Uso de data show (A); Uso de computador (MF); Uso de vídeo (N); Estudo dirigido (MF); Recursos audiovisuais (N); Aulas práticas e de laboratório (N); Apostilas (A); Leituras periódicas (A); Outras leituras (MF).
P7	Aulas expositivas (MF); Síntese do assunto estudado (N); Debate com toda a classe (MF); Estudo de caso (MF); Ensino com pesquisa (A); Elaboração de relatórios (A); Seminários (A); Visitas técnicas e excursões (A); Teleconferência (R); Leituras de obras clássicas (A); Ensino por projetos (A); Uso de retro projetor (MF); Uso de data show (MF); Uso de computador (A); Uso de vídeo (N); Estudo dirigido (A); Recursos audiovisuais (MF); Aulas práticas e de laboratório (A); Apostilas (N); Leituras periódicas (A); Outras leituras (N).
P8	Aulas expositivas (MF); Síntese do assunto estudado (R); Debate com toda a classe (A); Estudo de caso (A); Ensino com pesquisa (MF); Elaboração de relatórios (R); Seminários (R); Visitas técnicas e excursões (R); Teleconferência (R); Leituras de obras clássicas (R); Ensino por projetos (N); Uso de retro projetor (N); Uso de data show (N); Uso de computador (R); Uso de vídeo (R); Estudo dirigido (R); Recursos audiovisuais (R); Aulas práticas e de laboratório (R); Apostilas (R); Leituras periódicas (A); Outras leituras (A).
P9	Costuma adotar: Aulas expositivas; Debate com toda a classe; Elaboração de relatórios; Seminários; Uso de retro projetor; Uso de vídeo; Apostilas; Leituras periódicas. Não costuma adotar: Síntese do assunto estudado; Estudo de caso; Ensino com pesquisa; Visitas técnicas e excursões; Teleconferência; Leituras de obras clássicas; Ensino por projetos; Uso de data show; Uso de computador; Estudo dirigido; Recursos audiovisuais; Aulas práticas e de laboratório; Outras leituras.

Fonte: Pesquisa direta (2019)

Todos esses dados obtidos na realização desse trabalho foram de suma importância para entender mais sobre o trabalho realizado por cada profissional que participou da pesquisa. Com isso é possível entender também a dificuldade que estes professores encontram na sala de aula devido a falta de apoio com materiais didáticos e recursos disponíveis para lecionar uma aula de melhor qualidade e mais divertida.

5 CONCLUSÃO

A presente pesquisa é considerada relevante por evidenciar informações fundamentais para entender o cotidiano dos professores do ensino de Geografia na educação básica da cidade de Timbiras-MA. Por conta disso, a investigação procurou ter como foco as práticas pedagógicas, os métodos e os recursos didáticos utilizados pelos professores de Geografia, especialmente do Ensino Fundamental dos Anos Finais, buscando entender desde a elaboração de suas aulas até a avaliação dos alunos. Foram também discutidas sobre as mudanças que envolvem a Geografia escolar, a prática docente e utilização dos recursos didáticos não convencionais usados em sala de aula.

Nessa proposta, o professor teve a chance de mostrar a realidade dentro do seu ambiente de trabalho, as dificuldades que encontra no desenvolvimento profissional, bem como os recursos que gostaria de usar em sala de aula, mas que não está disponível. Ao fazer uso dos recursos didáticos não convencionais, os professores, além de conseguirem prender a atenção do aluno nas suas aulas e melhorar o aprendizado, vivenciará uma oportunidade de integrar a realidade do aluno contextualizando com os conteúdos do livro didático assimilando conhecimentos e informações, o que insere a constituição de uma nova maneira de refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma a Geografia passa a ser mais significativa na vida dos alunos por entenderem que ela faz parte do seu cotidiano. Assim, contribui para a formação de novos olhares no ambiente em que vivem.

Constatou-se que maioria dos professores não costuma participar de atividades de desenvolvimento profissional; Que todos os professores costumam adotar mais aulas expositivas e trabalho de grupo; Que as aulas práticas de campo não são muito utilizadas; Que os recursos mais utilizados são audiovisuais e o planejamento das aulas é variado (diariamente, semanalmente e mensalmente); Que muitos professores gostariam de mais tecnologia para facilitar o ensino de Geografia; Que o processo avaliativo é feito através de prova escrita, trabalho escrito, seminário e prova oral e nunca em prova prática; Que a maior necessidade que dificulta o desenvolvimento profissional é o ensino de alunos com necessidades especiais e falta de recursos didáticos nas escolas.

Assim, por considerar que o professor necessita de recursos didáticos, tanto para lecionar quanto para melhorar os resultados de seu trabalho, é que concluímos que a realização desta pesquisa foi relevante, especialmente por identificar as dificuldades encontradas na prática docente dos professores frente à falta de material de apoio. Nesse âmbito, em decorrência dos dados apresentados, consideramos que a utilização dos recursos

didáticos não convencionais no Ensino de Geografia é importante e pode ajudar no processo de ensino aprendizagem como auxílio para o livro didático proporcionando uma valorização mútua dos recursos, fazendo associações com a realidade vivenciada no cotidiano, contribuindo assim com a formação social e individual dos estudantes.

Além disso, a utilização desses recursos também contribuiu para a complementação e melhor entendimento dos conteúdos abordados no livro didático, promovendo uma melhor assimilação e rendimento sobre aspectos importantes da prática de ensino e aprendizagem e podem ainda impulsionar a curiosidade dos alunos e professores envolvidos nessa atividade, para efetivamente se construir a aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, J. J.; SILVA, J. S. **Recursos didáticos não convencionais e seu papel na organização do ensino de geografia escolar.** Geosaberes, Fortaleza, v. 9, n. 18, p. 1-14, mai./ago. 2018.
- ARAUJO, P. G. D. **A importância da geografia no cotidiano escolar:** um estudo de caso, o movimento pendular dos alunos do Centro Educacional Osmar de Aquino GUARABIRA-PB. Guarabira-PB: [s.n.], 2010. 51 p.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- CALLAI, H. C. **A geografia e a escola:** muda a geografia Muda o ensino? Terra Livre, São Paulo, n.16, p 135-152, 1ºsemestre/2001.
- CAVALCANTI, L.S. **Geografia, escola e construção do conhecimento.** Campinas: Papirus, 1998.
- CAVALCANTI, L. D. S. **A Geografia e a Realidade Escolar Contemporânea:** avanços, caminhos, alternativos. **Anais do I Seminário Nacional:** Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.
- CAVALCANTI, L. D. S. **O ensino de geografia na escola.** Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 45 – 47.
- DURAN, D. **Tutoria entre iguais e aprendizagem cooperativa.** In Revista Pátio, Ano XI, nº 41, Fev/Abr, 2007, p.p 12-15.
- FILIZOLA, R.; KOZEL, S. **Teoria e prática do ensino de geografia:** memórias da terra. 1 ed. São Paulo: FTD, 2009. 79 p.
- FILIZOLA, R. **Didática da geografia:** proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação. Curitiba: Base Editorial, 2009.
- JUSTINO, M. N. **Pesquisa e recursos didáticos na formação e práticas docentes.** Curitiba: Ibplex, 2011.

MAIA, E. J. P. **A geografia escolar na província de minas gerais no período de 1854 a 1889**. Belo Horizonte: [s.n.], 2014. 186 p.

MANFIO, V.; BALSSAN, J. B. **Geografia escolar: práticas pedagógicas e o ensino-aprendizagem do conteúdo de regiões brasileiras**. Geographia Opportuno Tempore, Londrina, v. 1, número especial, p. 68-84, jul./dez. 2014.

MORAN, J. M. **Metodologias ativas e modelos híbridos na educação**. Publicado em YAEGASHI, Solange e outros (Orgs). **Novas Tecnologias Digitais: Reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento**. Curitiba: CRV, 2017, p.23-35.

MORAES, A. C. R. D. - et COSTA, W. M. D. - **Geografia crítica - a valorização do espaço**, 2ª edição. São Paulo: Ed. Hucitec, , 1987.

MORAES, A. C. R. **Geografia: Pequena História Crítica**. 20ª Edição, 150 pag. Ano de edição 2007.

OLIVEIRA, L. A. **Geografia, escola e a construção do conhecimento cartográfico**. / Léia Andrade Oliveira. – Cajazeiras: UFCG, 2015.

ROCHA, G. O. R. D. **Uma breve história da formação do(a) professor(a) de Geografia no Brasil**. Terra Livre, São Paulo, n.15, p.129-144, 2000.

SILVA, J. S. E. Recursos didáticos não convencionais no ensino de geografia. IN: SILVA, J. S. E (org.). **Construindo Ferramentas para o ensino de geografia**. Teresina: EDUFPI, 2011.

SOUZA, S. E. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar**. In: I Encontro de Pesquisa em Educação, IV Jornada de Prática de Ensino, XIII Semana de Pedagogia da UEM: “Infância e Práticas Educativas”. Arq Mudi. 2007. Disponível em: <
http://www.pec.uem.br/pec_uem/revistas/arqmudi/volume_11/suplemento_02/artigos/019.df
>. Acesso em: 19 de nov. de 2019.

ZABALA, A. **A prática educativa – como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998, reimpressão: 2008.

APÊNDICE

AVALIAÇÃO DA UTILIZAÇÃO DE PROJETO/PESQUISA INTITULADO AO TRABALHO DE
CONCLUSÃO DE CURSO NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE TIMBIRAS-MA

QUESTIONÁRIO
PROFESSOR () DATA ___/___/___

Escola: _____

Parte I: Sobre o Profissional da Educação

1. Nome: _____
2. Sexo: _____
3. Idade: _____
4. Há quanto tempo você trabalha como professor?

Este é meu Primeiro ano	1-2 anos	3-5 anos	6-10 anos	11-15 anos	16-20 anos	Há mais de 20 anos
1	2 <input type="checkbox"/>	3	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	7 <input type="checkbox"/>

5. Qual é a sua forma de contratação como professor (a) nessa escola?

Temporário Efetivo

6. Sua formação acadêmica atual: Ex. Licenciatura em Geografia, pela UFMA, licenciado em 2012, especialização/mestrado/doutorado em história.

7. Série que leciona nesta escola: () 5º Ano () 6º Ano () 7º Ano () 8º Ano () 9º Ano

8. Em quantas turmas leciona nesta escola? _____

9. Turnos que leciona e carga horária semanal: _____

PARTE II - Desenvolvimento Profissional

1. Nos últimos 18 meses, você participou de qualquer um dos seguintes tipos de atividades de desenvolvimento profissional e qual foi o impacto dessas atividades no seu aprimoramento profissional como professor?

	(A) Participação		(B) Impacto				
	Sim	Não	Nenhum Impacto	Um Pequeno Impacto	Um Grande Impacto	Um Impacto Moderado	Um Grande Impacto
Cursos/oficinas de trabalho (por exemplo, sobre disciplinas ou métodos e/ou outros tópicos relacionados à educação)							
Conferencias ou seminários sobre educação (quando os							

professores e/ou pesquisadores apresentam resultados de suas pesquisas e discutem problemas educacionais)							
Programa de qualificação (como, por exemplo, um curso de nível de graduação ou pós-graduação que ofereça diploma ou certificado)							
Visitas de observação a outras escolas							
Participação em uma rede de professores (network) formada especificamente para o desenvolvimento profissional dos professores							
Pesquisa individual ou em colaboração sobre um tópico de seu interesse profissional							
Orientação e/ou observação feita por um colega e supervisão, organizadas formalmente pela escola.							

2. Pensando em um desenvolvimento profissional menos formal, durante os últimos 18 meses, você participou de alguma das atividades a seguir e qual foi o impacto dessas atividades no seu aprimoramento profissional como professor?

	(A) Participação		(B) Impacto			
	Sim	Não	Nenhum Impacto	Um Pequeno Impacto	Um Impacto Moderado	Um Grande Impacto
Leitura de literatura profissional (por exemplo, jornais, artigos/trabalhos com base em evidência, teses)						
Participação em conversas informais com os seus colegas sobre como melhorar seu ensino						

3. Pensando nas suas necessidades de desenvolvimento profissional, por favor, indique até que ponto você tem estas necessidades em cada uma das áreas relacionadas.

	Nenhuma Necessidade	Pouca Necessidade	Moderada Necessidade	Grande Necessidade
Referencial de conteúdo e de desenho para minha(s) principal (is) área(s) de ensino				
Práticas de avaliação de alunos				
Gestão da sala de aula				

Conhecimento e compreensão de minha(s) principal (is) área(s) de ensino				
Conhecimento e entendimento das minha (s) principal (is) área(s) de ensino				
Habilidades em TIC (Tecnologia de Informação e Comunicação) para o ensino				
Ensino de alunos com necessidades especiais de aprendizagem				
Problemas de disciplina e de comportamento dos alunos				
Gestão e administração escolar				
Ensino em ambiente multicultural				
Orientação dos alunos				

Parte III – Utilização de recursos didáticos convencionais e não convencionais nas práticas pedagógicas e planejamento

1. Com que frequência cada uma das seguintes atividades ocorre nessa turma específica durante o ano letivo?

	Nunca ou raramente	Cerca de um quarto das aulas	Cerca de metade das aulas	Cerca de três quartos das aulas	Em quase todas as aulas
Apresento conteúdos novos à turma					
Apresento explicitamente os objetivos de aprendizagem					
Revejo com os alunos a lição de casa que eles prepararam					
Os alunos trabalham em pequeno grupo para chegarem a uma solução conjunta para um problema ou tarefa.					
Dou trabalhos diferentes tanto para os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem quanto para aqueles que podem avançar mais rapidamente.					
Peço que meus alunos sugiram ou ajudem a planejar as atividades ou tópicos a serem desenvolvidos em sala de aula.					
Peço a meus alunos que se lembrem de todos os passos de um procedimento.					
No início da aula apresento um breve resumo da aula anterior.					
Verifico o caderno de exercício dos meus alunos					
Os alunos trabalham em projetos que exigem no mínimo uma semana para serem concluídos.					
Trabalho com alunos individualmente.					
Os alunos avaliam e refletem sobre seus próprios trabalhos.					
Verifico, fazendo perguntas, se a					

matéria foi ou não entendida.					
Os alunos em grupos organizados com base em suas habilidades					
Os alunos produzem algo que será usado por outra pessoa.					
Aplico uma prova ou um teste para avaliar a aprendizagem dos alunos.					
Peço que meus alunos produzam um texto na qual devem explicar seu pensamento ou raciocínio.					
Os alunos trabalham individualmente com o livro didático ou folhas de exercício para praticarem a matéria recentemente ensinada.					
Os alunos debatem e discutem sobre um determinado ponto de vista que pode não ser o seu.					

2. Para você o que são recursos não convencionais?

3. Assinale os métodos de ensino que utiliza com maior frequência:

- a) () Aula expositiva
- b) () Seminário
- c) () Aulas práticas e laboratório
- d) () Aulas práticas de campo
- e) () Aulas práticas de clínica
- f) () Trabalho em grupo
- g) () Discussão de casos
- h) () Debate com a classe toda
- i) () Estudo dirigido
- j) () Instrução individualizada
- k) () Outro. Qual? Cite-o. _____

4. Você considera o livro didático uma ferramenta completa para as aulas de Geografia? Justifique sua resposta. _____

5. Você utiliza os recursos não convencionais citados no quadro abaixo?

Recursos não convencionais	Utiliza	Não utiliza
Jornal		
Pintura		
Fotografia		
Rádio		
Televisão		
DVD-Vídeo		
Filme		
Teleconferência		
Teleconferência		
Videoconferência		

6. Nas atividades em sala de aula a tecnologia (o celular) pode ser usada pelos alunos?
 Sim Não (por quê?) _____

7. Quais desses recursos didáticos estão disponíveis em sua escola que você utiliza em suas aulas?

Recursos didáticos	Disponível	Não disponível	Utiliza	Não utiliza
Data Show				
Computador				
Mapas				
Atlas geográfica				

8. Quais recursos didáticos você gostaria de usar nas aulas de Geografia que não está disponível em sua escola? _____

9. Como você planeja sua aula?

diariamente semanalmente mensalmente outra maneira (qual?)

10. Qual a importância de ter a Geografia no currículo do Ensino Fundamental escolar? _____

11. Qual a maior dificuldade que você encontra na prática docente? _____

12. Na sua concepção, o que é ensinar? _____

14. Qual dos motivos que levou a escolher a profissão de professor?

- () Vontade de ensinar
- () Falta de opção no mercado de trabalho
- () Status social
- () Amor pela profissão
- () Boa remuneração
- () Falta de opção na região onde eu moro
- () Falta de condições financeiras para enfrentar outro curso

Parte IV – quanto a avaliação

1. Assinale os instrumentos de avaliação da aprendizagem que você utiliza com maior frequência:

- a) () Prova Escrita
- b) () Prova Prática
- c) () Prova Oral
- d) () Trabalho Escrito
- e) () Seminário

2. Quando você faz a avaliação do aprendizado?

- a) () No início da disciplina
- b) () Ao final da unidade ou tema
- c) () Ao final da disciplina

3. Quais os procedimentos didáticos que você costuma adotar nas suas aulas? Registre nos quadrados abaixo, as seguintes letras iniciais maiúsculas:

A - ÀS VEZES R – ARAMENTE MF – MUITO FREQUENTE N - NUNCA			
Aulas expositivas		Ensino por projetos	
Síntese do assunto estudado		Uso de retro projetor	
Debate com toda a classe		Uso de data show	
Estudo de caso		Uso de computador	
Ensino com pesquisa		Uso de vídeo	
Elaboração de relatórios		Estudo dirigido	
Seminários		Recursos audiovisuais	
Visitas técnicas e excursões		Aulas práticas e de laboratório	
Teleconferência		Apostilas	
Leituras de obras clássicas		Leituras periódicas	
Outras leituras			

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto/pesquisa intitulado ao **Trabalho de Conclusão de Curso**, que será desenvolvida (o) por **Maria Roseli da Conceição da Silva**. Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é [coordenada / orientada] por **RONEIDE DOS SANTOS SOUSA**, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (86) 99915-3685 ou e-mail: roneidesousa@gmail.com. Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é: Conhecer as práticas docentes dos professores de Geografia do Ensino Fundamental, a fim de avaliar a utilização de metodologias alternativas no ensino nas escolas municipais de Timbiras-MA, quanto considerando a infraestrutura tecnológica da escola e o professor no processo de ensino. Em suma, o referido trabalho visa realizar uma pesquisa no contexto do ensino. Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Minha colaboração se fará de **forma anônima**, por meio de entrevista semi-estruturada e observação. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo (a) pesquisador (a) e/ou seu(s) orientador (a).

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações exigidas.

Codó, setembro de 2019.

Assinatura do (a) participante:

Assinatura do (a) pesquisador (a):

Assinatura do (a) testemunha (a):
